

# pandava

ह इहोहवेतरिह वेह निवेिह



## Discurso de Sua Excelência K. Nandini Singla Embaixadora da Índia em Portugal

Conceitos Filosóficos dos *Upanishad*.  
Reencarnação e Concepções Budistas. Então, o que Reencarna?  
Ciclos, *Yugas* ou Eras na Cosmogonia da Índia Antiga  
O Sermão de Benares

# CONTEÚDOS

- 3 **Conceitos Filosóficos dos Upanishads**  
Por José Carlos Fernández  
*Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal*
- 8 **Discurso Embaixadora da Índia em Portugal**  
Por K. Nandini Singla  
*Embaixadora da Índia em Portugal*
- 14 **Speech by the Ambassador of India to Portugal**  
Per K. Nandini Singla  
*Ambassador of India to Portugal*
- 21 **Sobre os Upanishads na Cosmogênese de H.P. Blavatsky**
- 25 **O Kaushitaki Upanishad e a Viagem da Alma ao Coração do Real**  
Por José Carlos Fernández  
*Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal*
- 29 **Jóias do Panchatantra: Conto III**
- 33 **O Sermão de Benares**
- 38 **Fragmentos do Yoga Vasishtha II: Sobre o conhecimento (jñāna) e o sábio (jñāni)**
- 44 **Yamakavagga: Os Pares**  
Por Isabel Areias
- 47 **Appamadavaggo dutiyo: A Vigilância**  
Por José Ramos
- 50 **Cittavagga: A Mente**  
Por Ricardo Martins
- 56 **Reencarnação e Concepções Budistas: Então, o que Reencarna?**  
Por Juan Martín Carpio
- 59 **Os Santos Tirthankaras**  
Por Juan Martín Carpio
- 63 **Jóias dos Upanishads (I): O Brihadaranyaka Upanishad**
- 65 **Ciclos, Yugas ou Eras na Cosmogonia da Índia Antiga**  
Por João Porto





Adi Shankara, comentarista dos Upanishads. Domínio Público recortada

# Conceitos Filosóficos dos *Upanishads*

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

Os *Upanishads* com os seus hinos, diálogos, poemas e explicações são o corpus de filosofia mais formidável e, ao mesmo tempo, mais antigo que chegou até nós quase intacto.

Na realidade, a aprendizagem oral, memorizada, durante mais de mil anos serviu paradoxalmente de conservação pois não se confiava na letra escrita sob materiais perecíveis, sendo necessário forçar as capacidades mentais para assegurar a sua continuidade, como no famoso livro *Fahrenheit 451*.

A filosofia europeia, no século XIX, especialmente a filosofia alemã, elevou-se mas também perdeu-se um pouco, no idealismo subjetivo transcendental, auxiliada por estes textos.

De qualquer forma, quem abre a porta do misterioso Oriente de uma maneira decisiva, revolucionando o século XX é Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) que, direta ou indiretamente, muitos dos conceitos da filosofia védica, incluindo os *Upanishads*, são familiares para todo o mundo ocidental.



Helena Blavatsky. Domínio Público

Hoje, quase todos ouviram e conhecem o significado básico do **Karma**, a Lei da Ação e Reação; **Dharma**, a Lei Universal da Ordem, Verdade e Justiça; **Maya**, a ilusão da existência, que apresenta-se como um sonho efêmero

E são cada vez mais familiares os conceitos das Três **Gunas**, ou qualidades da matéria que compõem em diferentes proporções tudo o que existe em todos os planos da consciência; **Atma**, o Eu verdadeiro e eterno; **Brahman**, o Absoluto, a realidade; **Sat, Chit e Ananda** (Ser, Consciência e Felicidade perfeita, o Triplo Logos de Platão); **Samsara**, a peregrinação através das infinitas vidas ou reencarnação, a sucessão de tudo o que nasce, vive e morre; **Budhi**, a luz do discernimento, sabedoria ou inteligência pura; o **AUM** ou símbolo de Deus na sua Expressão Tripla (Brahma, que se abre; Vishnu que preserva e Shiva que destrói, fecha e renova); **Prakriti** ou natureza material e Purusha, o Espírito; **Moksha** ou libertação definitiva, equivalente ao **Nirvana** ou

à extinção do eu ilusório; **Eka Advaita**, o Uno sem segundo, e um longo etcetera.

Todos estes termos, cada vez mais atuais na nossa língua, nasceram nos Vedas e nos Upanishads e foram o esqueleto filosófico e espiritual da cultura Indiana durante, pelo menos, 3000 anos. Como é lógico, muitos destes conceitos experimentaram transformações desde os hinos védicos e durante o hinduísmo, ou ainda, em diferentes matizes, no Jainismo e Budismo, mas não deixaram de ser conceitos básicos, definitivos, quase como os números da matemática.

No entanto, a sua linguagem não é assim tão formal (esotericamente sim, é matemático) pois os filósofos que as utilizavam não ficavam presos nela. Como acontece hoje, em grande parte com a filosofia ocidental, onde a rede de palavras, de tão puramente abstratas, já não significam nada nem existe uma forma de as referir com a natureza da vida. Todos estes termos, desde o seu significado em sânscrito até ao uso em diferentes contextos, aludem a imagens mentais muito claras, símbolos ou metáforas daquilo que indica o céu da ideação pura. Mas também nas suas explicações reina a alegoria, a comparação, a analogia que, como H. P. Blavatsky nos lembra, é a chave que permite abrir as portas do mistério: “Assim acima como abaixo”.

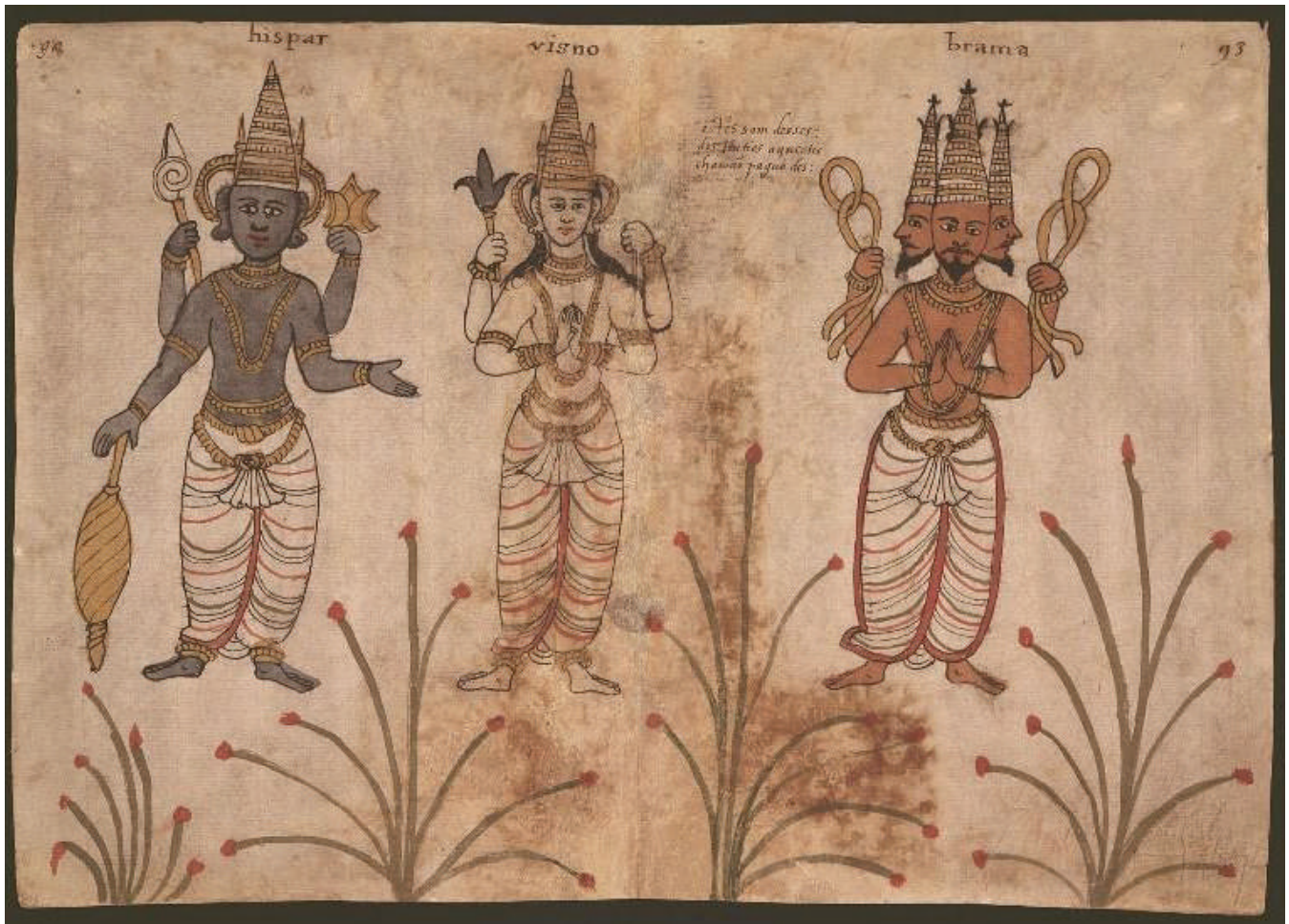
Por exemplo, **as Três Gunas** são chamadas de “cabra de tres cores” ou simplesmente enumeradas nos Upanishads como Vermelho (Rajas – Excesso), Negro (Tamas – Defeito, Inércia) e Branco (Satva – Justo Meio), curiosamente as três cores da Alquimia.

Aludindo à luz e energia aprisionada na matéria, como no carvão (Tamas), onde depois da sua dolorosa libertação convertida através do fogo (Rajas) pura, feliz e já sem correntes, banha com a sua alegria tudo quanto toca, outurgando a Reta Medida (Satva). Os três símbolos do estado em que tudo se encontra, com diferentes proporções destas três qualidades. Assim como a infinidade de cores é traçada pelas diferentes proporções de três cores primárias, a infinidade de qualidades, ações, objetos, pensamentos, emoções, etc, etc, é medida



e nasce das diferentes proporções destes Três Gunas. A própria Trimurti, ou os Três Deuses, estão associados a eles: Shiva, deus dos ascetas (Tamas), Brahma, o criador do mundo (Rajas) e Vishnu, o Conservador, a bondade de Satva. Três deuses que, como diz o Upanishad, foram e são um, e convertem-se em 8, em 11, depois 12 e logo infinito.

(Machado de Duplo Fio) como no mito grego em que Ares Dionísio constrói o universo com movimentos espirais, cavando no caos da matéria primordial. Purusha nos Vedas é representado, num hino, como um gigante de mil cabeças e mil pés que é sacrificado e desmembrado para dar nascimento ao mundo, como o gigante Ymir na religião escandinava



Shiva, Vishnu e Brahma. Domínio Público

**O conceito de Purusha** traduz-se como “espírito” que provoca na matéria (Prakriti) todas as suas transformações evolutivas, como uma bailarina perante o sujeito que olha para ela. Como nos lembra a Doutrina Secreta, *Purusha* ou Pensamento Divino é a condição de sujeito da própria existência e *Prakriti* a condição de objeto ou fundamento. *Purusha* é coxo e *Prakriti* cega, devendo agir em conjunto e, nada são, na vida manifestada um sem o outro. No entanto, em sânscrito, *Purusha* significa “homem”, e é assim muito semelhante a *Parashu*

(que também é indoariana). Na verdade, significa o mesmo que o Adam Kadmon da Cabala, é o Homem Celestial ou a Pirâmide de Arquétipos ou Pensamentos Divinos, eternos, que assumem forma no universo que nasce, vive e morre. Mas a imagem é muito gráfica. Tal como acontece com o ADN que identifica o ser humano e, com as substâncias químicas que o gestam, poderíamos gerar tudo o que existe no universo e vive na natureza (se não tudo, grande parte). As unidades ou estruturas formais que permitiram que se manifeste no ser humano,

o Microcosmos, são os mesmos que abarcam o infinito do Cosmos. Como no filme Missão a Marte, excelente, a propósito, em que o ADN de um único marciano teria gerado, numa Terra quimicamente preparada, toda a natureza viva da Terra.

**Budhi**, que em sânscrito significa “luz”, é a luz espiritual, o discernimento, a inteligência que não nos permite perder no labirinto da vida e faz que não sucumbamos diante das suas dificuldades. É a Voz Interior ou a Consciência que, para além de nosso raciocínio, verdadeiro ou falso, sempre aponta para o rumo como uma bússola, independentemente de a seguirmos ou não.

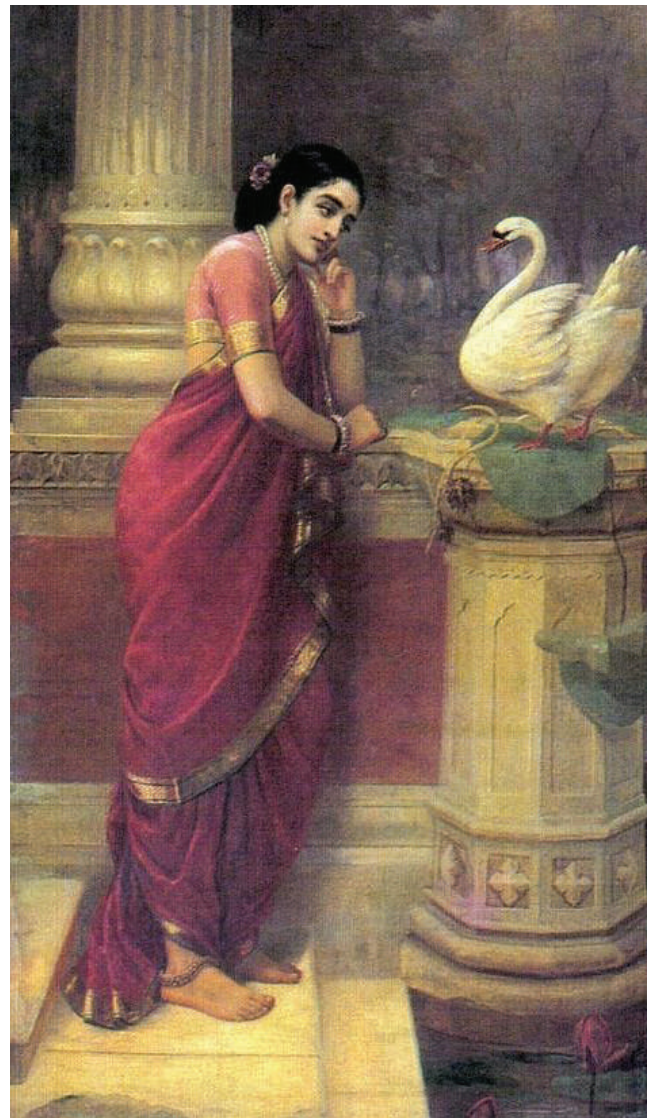
No *Taittiriya Upanishad*, Budhi é comparado a um pássaro, em que *sraddha* (fé firme, determinação) é a sua cabeça, a asa direita é a ordem cósmica (*rita*), a asa esquerda a verdade (*sathya*), o próprio corpo é *mahat* (literalmente “grande”, o princípio da Consciência Universal ou “verdadeira natureza do Ser”), a sua cauda é *yoga* (que significa “união”, mas que aqui deve significar sujeição das potências inferiores).

Que discurso filosófico num único símbolo! Budhi é o Cisne no interior da alma, ou a Águia da nossa verdadeira natureza na jaula do espaço e do tempo e das limitações do karma, a alma divina. Nos *Upanishads* encontramos o jogo de palavras que ao repetir sucessivamente *Sah* (Ele, isto é, Brahman) e *Aham* (“Eu”) dá origem à palavra *Hamsa*, cisne, de eternidade, que gera o *Hamsa gayatri*, que se traduz:

*Ó Mestre! Que cheguemos a conhecer-te!*

*Que possamos meditar no Mestre Supremo!*

*Que este Mestre nos conduza!*



*Hamsa Damayanti. Domínio Público*

Este Mestre é o Eu Divino, Atma-budhi irradiando a sua luz desde o coração e vivificado na presença daqueles que nos guiam pelo caminho, com quem misteriosamente chega a identificar-se.



E se **Budhi** é a luz divina, quem a irradia é Atma, o eu interior e último, o centro da nossa existência para além de toda a separatividade e toda a sombra, o “Um- apenas- Um” que é ao mesmo tempo a raiz do universo (**Brahman**). O discurso do *Bhagavad Gita* sobre Atma é sublime; nem o fogo, nem a água, nem as armas de metal ou o vento podem feri-lo e está além de todo o elogio ou crítica, de toda definição ou qualidade.

No Mundaka Upanishad é dito sobre ele:

*“O olho não o pode ver; a mente não o pode captar. O Ser imortal não tem casta nem raça, nem olhos nem orelhas, nem mãos nem pés. Os sábios dizem que este Ser é infinito no grande e no pequeno, eterno e imutável, a fonte da vida”.*

E sobre a vida como uma corrente, que Platão chama devenir, a sucessão de momentos, em cujas ondas tudo nasce, vive, desenvolve e morre, o rio que o budismo diz ser necessário atravessar no barco de

uma mente firme e sem dúvidas para chegar à outra margem, o Nirvana; esta corrente ou sucessão de presentes sem realidade é chamada nos *Upanishads* de “**Samsara**”. E nestes mesmos livros é comparada a uma roda, a Roda da Vida (já vemos onde nasceram símbolos que são comuns em mais de três mil anos de história e em todo o mundo):

*“Este vasto universo é uma roda, a roda de Brahman. Nele, todas as criaturas estão sujeitas ao nascimento, à morte e ao renascimento. Dá voltas e voltas e jamais para.”*

Svetasvatara Upanishad:

Como a roda do Sol, em cuja luz tudo nasce, vive e morre, ou a Roda da Galáxia, a nossa, a Via Láctea que, segundo a nossa Cosmologia gira a cada 220 milhões de anos arrastando a infinidade de estrelas naquilo que é um simples piscar de olhos da eternidade, como tudo o que vive nesta *samsara*.



Roda de Samsara. Creative Commonso



Discurso de Sua Excelência K. Nandini Singla, Embaixadora da Índia em Portugal, aquando das celebrações do Dia Mundial da Filosofia 2019, organizadas pela Nova Acrópole em parceria com o Município de Oeiras e a Comissão Nacional da UNESCO – K. Nandini Singla, Embaixadora da Índia em Portugal (centro da mesa)

# Discurso Embaixadora da Índia em Portugal

*Por K. Nandini Singla*

Embaixadora da Índia em Portugal

Em primeiro lugar, enquanto Embaixadora da Índia em Portugal, estou encantada por estar aqui e poder ver que o Dia Mundial da Filosofia está a ser celebrado invocando a memória da grande alma de Mahatma Gandhi.

Acredito que esta é uma forma muito adequada de celebrar o Dia Mundial da Filosofia. E porquê? Porque Mahatma Gandhi não nasceu como divindade – como os 33 milhões de deuses que temos na Índia ou as figuras espirituais que conhecemos. Ouvimos que

quando estes nasceram tinham poderes celestiais, eram especiais e divinos. Mahatma Gandhi era como eu ou vós: tão comum como qualquer outra pessoa. Em criança tinha medo de fantasmas, de ladrões e de cobras. Quando era jovem tinha medo de se colocar de pé e falar. Imagine-se ser advogado e ter medo de falar público.

Ele fazia todas as coisas que nós seres humanos fazemos, roubou dinheiro do seu pai, tentou consumir drogas, zangou-se e agrediu outras



peçoas e quebrou uma promessa que tinha feito à sua mãe. Mas quando foi assassinado pela bala de um assassino, ele morreu como o “Mahatma” – a grande alma. Ele era uma grande alma não apenas porque libertou a Índia do jugo imperial Britânico, ele foi uma grande alma porque libertou-se a si próprio das suas limitações e fragilidades humanas para tornar-se na melhor versão que lhe era possível ser.

E ele disse: “Sê a mudança que queres ver no mundo”, porque a mudança começa comigo e convosco, e não fora de cada um de nós. Acredito ser esta a mais importante mensagem de Mahatma Gandhi para a humanidade. Não culpeis a genética, nem a família nem os traumas da infância por aquilo que criastes em vossas vidas. Tomai responsabilidade pela vida que criastes porque tudo aquilo que vos aconteceu foi causado pelos vossos pensamentos, ações e energia que colocais no mundo.

Ele disse algo muito bonito: “Um homem é acima de tudo o produto dos seus pensamentos, ele torna-se naquilo em que pensa”. Aprecio muito também esta próxima citação: “Enquanto seres humanos a nossa grandeza não está tanto na nossa capacidade de re-fazer o mundo, mas sim em sermos capazes de nos re-fazermos a nós próprios. “Devemo-nos tornar na mudança que queremos ver no mundo: “Vive como se fosses morrer amanhã; aprende como se fosses viver para sempre”.

Então qual era a sua mensagem? A sua mensagem era – “tomai controlo sobre a vossa vida, tomai controlo sobre os vossos pensamentos; purificai as vossas acções; sejai o melhor ser humano que podeis ser, e o mundo automaticamente tornar-se-á melhor.”

Porque estou a começar desta forma? Porque hoje celebramos o Dia Mundial da Filosofia, e isto é essencialmente aquilo que definia Mahatma Gandhi.

Quando um indivíduo se transforma a si próprio, a sociedade transforma-se também, e é por isso que Mahatma Gandhi desenvolvia nas suas quintas comunitárias – talvez tivésseis ouvido falar da quinta de Phoenix na África do Sul fundada por

Tolstoy – estas foram experiências que mostraram ao mundo que quando os seres humanos se unem, a comunidade torna-se melhor. Por isto, nestes ashrams, Gandhi pedia a todos que vivessem vidas simples. Ele queria que as pessoas compreendessem que poderiam viver sem um grande número de coisas. Austeridade e uma vida de serviço – é incrível. Não sei quantos de vós saberão, mas Mahatma Gandhi e a sua esposa limpavam com as próprias mãos as casas de banho das pessoas que frequentavam o *ashram* – e não eram as casas de banho modernas que temos agora. Eram serviços manuais e de limpeza que ele fazia com as próprias mãos, porque ele disse o seguinte: “Se eu não fizer, não tenho o direito de pedir que os outros o façam”.



Ashram de Sabarmati. Creative Commons

Falava também de amor e compaixão. Havia hindus e muçulmanos, pessoas negras e brancas no mesmo ashram. Era uma experiência social enorme. Consequentemente, ele acreditava que quando um indivíduo se transforma a si mesmo, e a comunidade em que estes indivíduos vivem também se transformam, este é o único caminho duradouro para mudanças sociais e activismo político.

Se olharmos ao que Mahatma Gandhi conquistou, é de facto incrível. Um pequeno e magro homem de pele castanha enrolado num pedaço de tecido. Ele pôde derrotar o grandioso Império Britânico e os seus milhares de armas. Como foi capaz de o fazer? Porque tinha uma forte convicção de que o universo

é governado por uma ordem moral e não por força bruta. Ele acreditava convictamente que as leis do universo eram tão reais quanto as leis da física. Ele acreditava no Karma: fazeis o bem, coisas boas vos acontecerão e, um pensamento maldoso contém em si mesmo o mal. Acreditava no Hinduísmo, porque cresceu como hindu, e também em muitas das coisas que são ensinadas no Hinduísmo, como o Karma, ou seja, a acção justa sem nenhuma expectativa; na disciplina do corpo, o ascetismo; em aspirar a um sentimento de união com o universo.

Mas ele creditava também no Islão, lia o Corão e a noção de justiça que este expressa impressionava-o muito. Conhecia também a Bíblia bastante bem e, a ideia do sofrimento associada à crucificação de Jesus teve em Gandhi um impacto tremendo.

Daqui surgiu a sua prática de jejum como uma forma de purificação, de penitência, de expiar também os pecados dos outros. Acreditava também no Jainismo, uma religião nascida na Índia, em que se acredita que a verdade tem muitas faces, e é necessário entender todas as facetas para poder compreender a verdade. Esta é uma mensagem importante e atemporal, e que pode por um fim aos preconceitos, intolerâncias e divisões.

Mahatma Gandhi inspirou-se em muitas coisas diferentes. Ele afirmou que “todas as religiões têm algo da verdade. Nenhuma religião tem toda a verdade, logo o melhor é escolher uma verdade e manter-se fiel a si próprio.”

Quando observamos um conceito como Satyagraha, por exemplo, que significa literalmente “força da alma”, foi a arma mais importante com que ele libertou milhões de indianos do jugo do Império Britânico. Muitos foram aqueles que morreram ao combaterem com bombas e armas, mas os britânicos não se foram embora. Foi este pequeno homem, que nunca sequer atirou uma pedra a ninguém, que finalmente conseguiu fazer o que os outros não conseguiram.

Conseguiu-o através de Satyagraha. O que é afinal o Satyagraha?

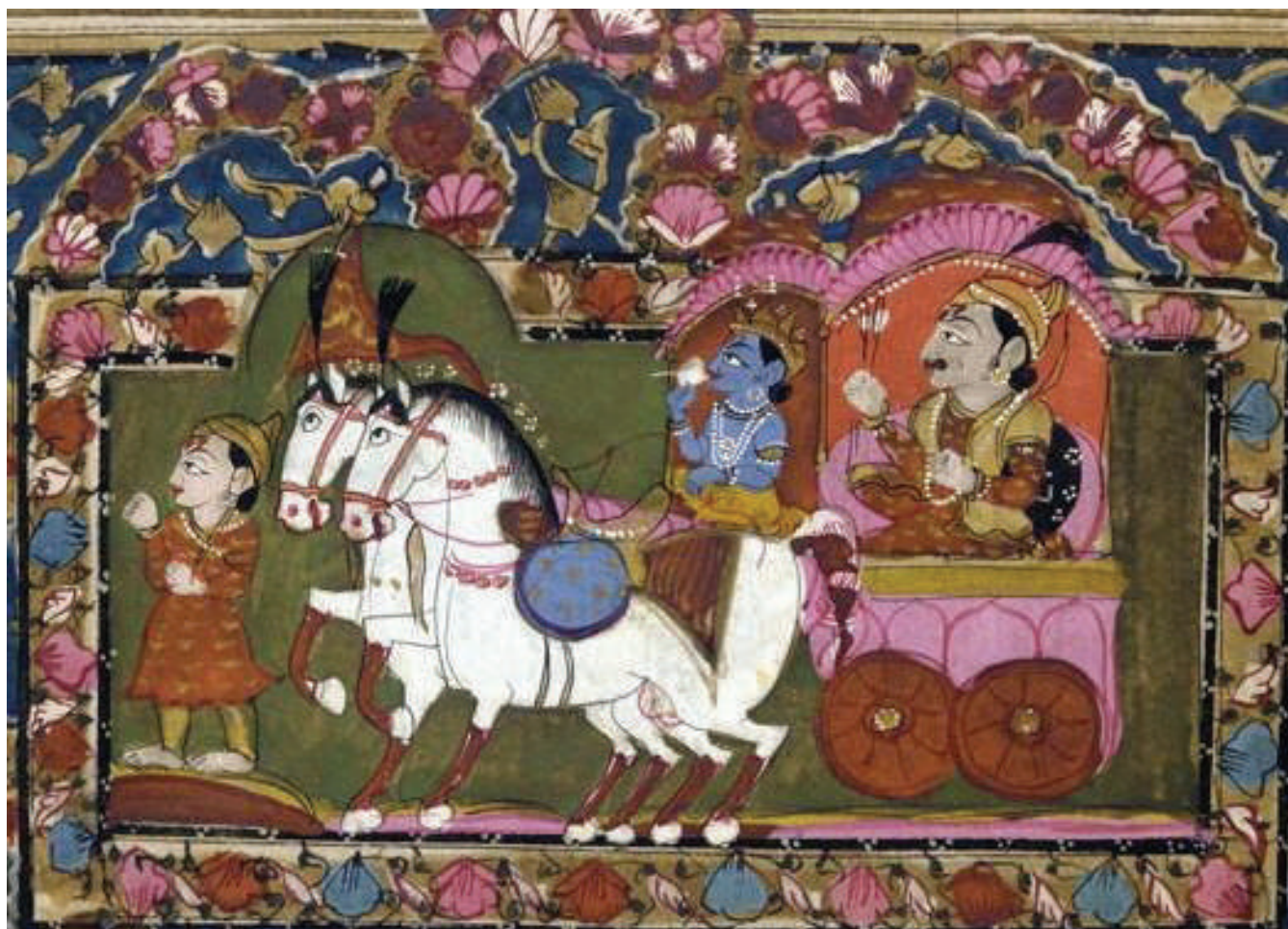
É fascinante na sua simplicidade e profundidade. Gandhi dizia que há sempre verdade neste universo, e esta verdade é imutável. A verdade é a verdade e, a verdade, era a moralidade. Há o bom e o justo, e há também o errado e o mal. Ele disse que “a moralidade é a base das coisas e a verdade é a substância da moralidade... a verdade é mais poderosa do que qualquer arma de destruição maciça.”, “se tens razão e o sabes, expressa aquilo no qual acreditas. Mesmo que sejas uma minoria de uma pessoa, a verdade continua a ser a verdade”. Porque motivo isto é importante? Porque no seu coração, alma e mente, Gandhi acreditava que a verdade iria eventualmente prevalecer. Logo, se estiveres no lado da verdade, a vitória será sempre vossa. Foi isto que lhe deu a coragem para lutar contra o poderoso Império Britânico.

A segunda parte de Satyagraha, que lhe outorgou a sua fortaleza moral e a sua força, foi a noção de justiça. Quero citar algo muito profundo que Gandhi proferiu:

*“A não cooperação com o mal é igualmente um dever como a cooperação com o bem. A não cooperação com o mal é também um dever moral porque se não nos opusermos ao mal, à injustiça, à desigualdade, estaremos a apoiar o mal, a injustiça e a desigualdade.”*

Então o que significa isto? Certamente não é um posicionamento passivo. Gandhi disse que é necessário opormo-nos à injustiça porque é um chamamento moral que toca a todos os seres humanos, e este ensinamento chegou-lhe através do *Bhagavad-Gitá*. Neste livro a divindade Krishna, interpela Arjuna, que é um Pandava, ou seja, um dos heróis. Arjuna está no campo de batalha e os seus primos estão no lado oposto. Apesar de ele ser um guerreiro destemido, não consegue lutar e perde a coragem. Arjuna afirma que não pode matar os seus primos, e é então que Krishna diz-lhe: “Não é a ação em si mesma que é boa ou má, mas sim a intenção que está por detrás desta. É aquilo que te motiva que determinará se a tua ação será boa ou má.”





Krishna e Arjuna na carruagem, Mahabharata. Domínio Público

Gandhi foi igualmente influenciado pela noção de agir sem expectativas, que é uma das ideias-chave do Bhagavad-Gitá. Ele disse que toda a ação deve ser uma oferenda ao universo, uma oferenda a Deus. Fazemos aquilo que o karma exige de nós, fazemos aquilo que o nosso dever moral exige de nós, e depois deixamos os resultados das ações ser definido pelas forças do universo, porque o universo é muito maior e mais complexo do que aquilo que eu ou vós podeis compreender.

Mas o vosso dever é agir corretamente, fazer o que é certo, pensar o que é certo. Digo isto precisamente porque foram estas ideias que o fizeram trabalhar toda a sua vida por uma causa da qual a maioria das pessoas já teria desistido, todos pensavam que era impossível expulsar o Império Britânico da Índia. Ele fê-lo porque a força que o animava não era política nem religiosa, mas sim espiritual, vinha da

sua alma. Esta força veio também da convicção de que há uma força no universo – uma força chamada de Deus. Este Deus pode ser Allah, pode ser Jesus, mas é sempre o mesmo Deus.

Vou passar a ler algumas frases de um discurso por ele proferido em 1931 nos Estados Unidos da América, quando alguém lhe perguntou se acreditava em Deus. Gandhi respondeu: “Há um poder indefinível e misterioso que permeia tudo. Sinto-o apesar de não o conseguir ver – transcende os sentidos. Há ordem no universo, há uma lei inalterável que governa tudo e todos os seres que existem. Esta lei, que governa toda a vida, é Deus. Eu vejo-a como completamente benevolente. Vejo que mesmo na morte a vida persiste; na mentira a verdade persiste; na escuridão a luz persiste. Logo, concluo que Deus é vida, Deus é verdade, Deus é luz e amor, é o bem supremo.”

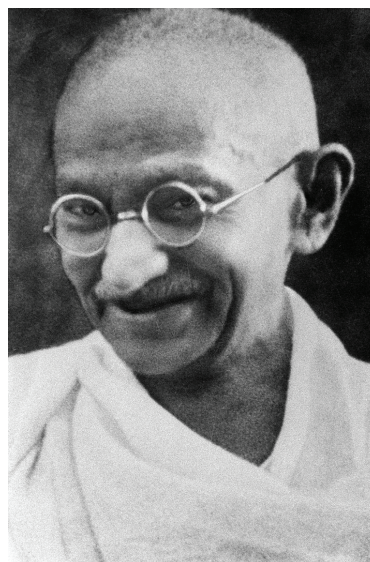
Gandhi acreditava profundamente que existia esta força de pureza, bondade, compaixão, fraternidade que faz com que todo o Universo trabalhe. Ele realmente via a unidade em todas as coisas.

Há uma história muito interessante que me toca profundamente, quando os Indianos lutavam contra os Britânicos, em determinado momento estes decidiram dividir o país em dois, o Paquistão islâmico e a Índia secular. Protestos começaram a surgir em todas as partes, milhares de pessoas foram assassinadas pelas multidões. Muçulmanos atacavam hindus e vice-versa. Este era o pior pesadelo de Mahatma Gandhi, ia contra tudo aquilo em que acreditava. Um dia alguém se aproximou e perguntou-lhe: “o meu filho é hindu e estava numa multidão que assassinou muçulmanos, por causa disto não consigo dormir à noite. Gandhi, o que posso fazer?” Gandhi disse-lhe: “adopta uma criança muçulmana. Educa-o como se fosse o teu próprio filho mas deixa-o frequentar a mesquita, deixa-o rezar ao seu deus e deixa-o aprender a não ser violento. Esta é a melhor forma de compensares aquilo que fez o teu filho.”

Há um famoso hino que era o favorito de Gandhi: “Podeis ser chamado de Rama, podeis ser chamado de Allá, mas vós sois amor. Sois tudo o que é bom, puro e verdadeiro no Universo.”

Finalmente, fiz menção do impacto que a Bíblia (o Novo Testamento) teve sobre Mahatma Gandhi – a ideia de que é necessário sofrer por uma causa justa, ele vivenciou-a toda a sua vida. Quando os protestos entre hindus e muçulmanos começaram ele decidiu jejuar. Ele simplesmente disse que não ia comer ou beber até que os motins chegassem ao fim. Jejuou por doze dias ou mais. Até que as multidões decidiram que Gandhi não Morreria por causa deles e milhões de pessoas pararam de protestar. Este era o poder moral da sua penitência. Quando lhe pediram para comer, afirmando que não lutariam mais, entregando as suas armas à sua frente, Gandhi quebrou o jejum e partiu para uma peregrinação a pé passando por 49 aldeias onde os motins estavam a acontecer. Durante cinco meses, caminhou 40 milhas por dia, trabalhou 18

horas por dia, pernitoou em pequenas barracas e comeu muito pouco porque acreditava que o seu sofrimento físico fazia parte do seu dever enquanto ser humano. Ele acreditava na oração e na meditação, foi a forma que encontrou para se renovar. Meditava de manhã e à noite. Gandhi disse que: “a oração é a chave da manhã e o parafuso da noite”. O que significa que todas a manhãs abrimos um novo capítulo, podemos conectar com a energia universal, com Deus, com o nosso espírito e alma ou aquilo que quiserem chamar. À noite, fechamos novamente o dia conectando-nos com a energia universal. Ele acreditava que todos somos energia a vibrar em diferentes frequências.



Gandhi. Creative Commons

Gandhi afirmou também que, a não ser que se compreenda isto, de que somos energia, energia que partilhamos com todos os outros, então nunca seremos não-violentos no verdadeiro sentido da palavra. Ele acreditava ser hipocrisia ir à missa ao domingo e depois apoiar a guerra e, disse-o também a hindus e a muçulmanos. É necessário termos consciência que todos partilhamos esta vibração universal de energia como uma única consciência cósmica, logo é impossível prejudicar o outro e não compreender que também nos prejudicamos a nós próprios. É impossível cortar árvores sem qualquer propósito sem compreender que também estamos a prejudicar o ecossistema e no limite a própria humanidade.



Acredito que as suas mensagens – todas as suas mensagens – são atemporais e universais porque são verdadeiras e, serão sempre verdadeiras. Isto está em concordância com o que disse Gandhi: “a verdade sempre prevalecerá”. Para nós hoje, no Dia Mundial da Filosofia, isto dá-nos esperança porque sendo verdade significa que o mundo vai continuar a evoluir para ser um lugar cada vez melhor.

Terminarei dizendo aquilo que Gandhi uma vez proferiu: “Nunca percas a fé na humanidade. Mesmo que algumas gotas sejam de poluição, o oceano em si mesmo continua a ser puro.”

Gostaria apenas de acrescentar brevemente um último comentário. Porque tenho à minha frente todos estes lindos portugueses e portuguesas e quero dizer-vos que o vosso Primeiro-Ministro, Sua Excelência Dr. António Costa é o único Primeiro Ministro em funções que é membro do Comité formado pelo nosso Primeiro ministro Shri

Narendra Modi para celebrar por todo o mundo, o centésimo quinquagésimo aniversário da morte de Gandhi. O Primeiro-Ministro António Costa viajará para a Índia para participar na reunião deste Comité e encontrar-se-á com o nosso Primeiro-Ministro, Presidente e Partidos Políticos. Entendo ser este um momento muito especial que sublinha algo que acredito ser verdade, os portugueses têm uma sensibilidade especial para estas verdades universais, para a espiritualidade, para o Yoga e meditação. Vejo um interesse crescente em Portugal e creio ser consequência da vossa cultura, do vosso ethos, voltados para a exploração do desconhecido. Talvez devido à vossa localização geográfica, Portugal sempre olhou para dentro e para fora e espero que Mahatma Gandhi continue a unir os nossos dois países, a aproximar os nossos povos, e agradeço a todos a oportunidade de dizer estas poucas palavras e partilhar estes pensamentos.

Muito obrigada!



K. Nandini Singla e José Carlos Fernández (escritor e diretor da Nova Acrópole Portugal)



Speech by Her Excellency K. Nandini Singla, Ambassador of India to Portugal, during the celebrations of World Philosophy Day 2019, organized by the New Acropolis in partnership with the Municipality of Oeiras and the National Commission of UNESCO – K. Nandini Singla, Ambassador of India to Portugal (center of the table)

# Speech by the Ambassador of India to Portugal

*Per K. Nandini Singla*

Ambassador of India to Portugal

First of all, as the ambassador of India to Portugal, I'm delighted to be here and to see that the World Philosophy Day is being celebrated by remembering the great soul Mahatma Gandhi.

I believe it's a very befitting way of celebrating World Philosophy Day. Why? Because Mahatma Gandhi was not born with any divinity – like the 33 million gods we have in India, or the spiritual figures that we know. We hear that when they were born they had celestial powers, they were special, they

were divine. Mahatma Gandhi was like you and me: as ordinary as they come. When he was a child he was afraid of ghosts, he was afraid of thieves, he was afraid of snakes. When he was a young man he was scared to even stand up and speak. And imagine being a lawyer who was afraid to stand up and speak!

He did all the things that we human beings do. He stole money from his father's pocket. He tried to do drugs. He got angry and hit people. He broke a promise he had given his mother.



But when he was killed by an assassin's bullet, he died as the "Mahatma". As a great soul. And he was a great soul not only because he liberated India from British colonial rule, he was a great soul because he liberated himself... from his human limitations, from his frailties, to become the best possible version that he could become.

And he said: "be the change that you want to see", because change begins with you and me – not outside of us. I think that is Mahatma Gandhi's biggest message to humanity. Don't blame your genetics, don't blame your family, don't blame the traumas of your childhood for what you have created in your life. Take responsibility for the life that you have created because everything that has happened in your life is a cause of your thoughts, your actions, the energy that you are giving out to the world.

And he said a very beautiful thing: "a man is but the product of his thoughts. What he thinks, he becomes". And I love this particular quotation of his: he said, "As human beings, our greatness lies not so much in being able to remake the world, as in being able to remake ourselves. We must become the change we want to see: "Live as if you were to die tomorrow; learn as if you were to live forever."

So what was his message? His message was, "take charge of your life; take charge of your thoughts; purify your actions; be the best human being that you can be; the world will automatically become a better place."

And why am I beginning with this? Because today as we celebrate World Philosophy Day, this in essence, was what Mahatma Gandhi was all about.

When an individual changes himself, society changes itself, and that is why Mahatma Gandhi had these communal farms – you would have heard about the Phoenix farm in South Africa that Tolstoy found – these were experiments in showing to the world that when human beings come together and decide to be the best possible versions of themselves, a community can become a better community. And

so, in these ashrams, Gandhi asked everybody to live simple lives. He wanted people to realise how many things they can do without. Austerity; a life of service. It's incredible! I don't know how many of you know, but Mahatma Gandhi and his wife actually cleaned manually, the toilets of the people who were in the ashrams – and not the flush toilets that we have today. They were manual, scavenging services that he did with his own hands, because he said: 'Unless I do it, I have no moral right to ask anyone else to do it.'



Sabarmati Ashram. Creative Commons

And then he spoke of love, of compassion. There were hindus and muslims, black and white people in the same ashrams. It was a huge social experiment. And finally, he believed that if an individual changes himself, and the community in which such individuals live changes itself, that is the only enduring path to social change and political activism.

So if you look at what Mahatma Gandhi achieved, it's incredible. A small, tiny, brown-skinned man with one shred of cloth around him. He brought down a mighty British empire with thousands of guns. How was he able to do it? Because he believed in one thing: that this universe is ruled by a moral order, not by brute force. He firmly believed that the laws of the universe are as real as the laws of gravity or physics. He believed in karma: you do good, good things happen to you. You have an evil thought, that's also an evil. He believed in Hinduism, because

Through Satyagraha. What is Satyagraha? It's fascinating in its simplicity and its profundity. He said that there is always truth in this universe. And it does not change. The truth is the truth. And he said a very beautiful thing which I want to say here:

So what does it mean? It's not passive. He said, you've got to stand up against injustice because that's a moral call for every human being. And this came to Gandhi through the Bhagavad Gita. I'm sure many of you have heard about the BhagavadGita. The god Krishna asks Arjuna, who is a Pandava—the good guys... Arjuna is in the battlefield and his cousins are on the other side. And he is a ruthless warrior – he's one of the most accomplished warriors – and he cannot fight. He has cold feet. He says, how can I kill my brothers? I cannot do it! And then Lord Krishna tells him, “but in this situation, killing is the right thing.” “If you do not kill, you are siding with evil.” So, it's not the action which is right or wrong, it's the intention behind the action. It's the result that is motivating you, which determines whether what you do is right or wrong.





Krishna and Arjun on the chariot, Mahabharata.. Public Domain

And he also was very influenced by the notion of doing action without expectation. Which is also one of the key things in the Bhagavad-Gita. He said: Every action you do should be an offering to the universe. An offering to God. You do what Karma demands you to do. You do what your moral duty demands you to do, and then leave the result to the forces of the universe because the universe is far larger, far more complex than you and I know.

But your duty is to do the right action; do the right thing; think the right thought. And I'm saying this because this is what made him work for all his life for a cause that people had almost given up on; they thought it was impossible to throw the mighty British empire out of India. And he did it because the force that animated him was spiritual. It was not political. It was not religious, it came from his soul.

And it also came from the belief that there was a force in this Universe – a force that he called God, but he said your God can be Allah, his God can be Ram (inaudible), his can be Jesus, but it's the same God. And I want to read a few sentences from a speech he gave in 1931 in the US, when someone asked Gandhi “do you think there is a God?” And he said, “There is an indefinable mysterious power that pervades everything. I feel it, though I do not see it. It transcends the senses. There is orderliness in the universe; there is an unalterable law governing everything and every being that exists. That law, then, which governs all life, is God. I see it as purely benevolent, but I can see that in the midst of death, life persists; in the midst of untruth, truth persists; in the midst of darkness, light persists. Hence I gather that God is life, god is truth, god is light. He is love. He is the supreme good.”

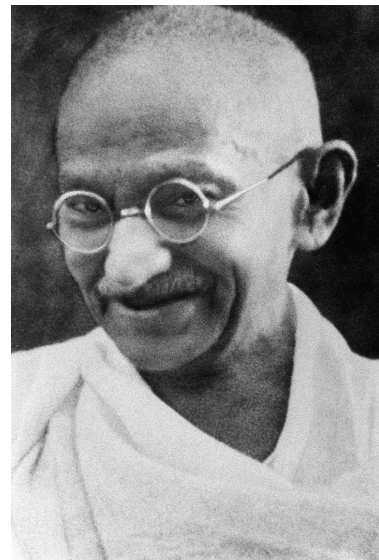
And Gandhi believed this so deeply - that there was this force, of purity, of kindness, compassion, brotherhood (inaudible) and it's what makes this universe work. And he actually saw oneness in everything.

There is this very interesting anecdote which strikes me very deeply because when the Indians were fighting against the British and towards the end when India became independent, the British decided to divide the country into Muslim Pakistan and a secular India. And there were riots everywhere. Millions of people were brutally killed and murdered in mobs; Muslims were attacking Hindus, Hindus were attacking Muslims; and this was the worst nightmare for Mahatma Gandhi. It was against everything he believed in. And one day, someone came to him and said, "my son was in a Hindu mob that killed a Muslim boy, and I'm not able to sleep at night. Gandhii, what can I do? And Gandhi told him, "go and adopt a Muslim child. And raise him as your own child. But let him go to a Mosque, and let him pray to Allah; and let him learn not to be violent. That is the best way you can atone for what your child has done."

There's a very famous hymn which was Gandhiji's favourite, which translates to: You may be called (Ram) you may be called Allah, but you are love. You are all that is good and pure and true in this universe.

And finally, I mentioned about the impact of the Bible (the new testament) on Mahatma Gandhi - the idea that you have to suffer for a good cause. He lived it all his life. When the Hindu-Muslim riots broke out, he decided to fast. He simply said, I'm not going to eat or drink anything until the riots stop; otherwise I die. And I think he went on a fast for 12 days or more. And finally people just said, "he cannot die because of us." And they stopped rioting. Millions of people; that was the power, the moral power of his penance. And when they said "please eat, we're not going to fight anymore", and they came and dropped their weapons in front of him, he broke his fast and then he immediately left for 5 months visiting 49 villages where violence was

happening - on foot. He walked, I think, 40 miles a day, worked 18 hours a day, stayed in small huts, barely ate anything; because he believed that this kind of physical suffering was a part of the moral duty that he owed as a human being to his fellow man. And he believed in prayer and meditation, as we know; that was his way of recharging himself. He would meditate in the morning, meditate in the evening. He said "prayer is the key of the morning and the bolt of the night." which means every day, you open a new chapter and connect yourself with the universal energy, with God, with your spirit, your soul, whatever you want to call it. And in the night, you close the day by once again connecting yourself to this universal energy. Because he believed that, we are all energy, vibrating at different frequencies.



Gandhi. Creative Commons

And he said, unless you realise this, that you are energy, energy that you share with everyone, you will never be truly non-violent in the real sense of the word. He said it's hypocritical - if you go to church on Sunday and come out and support war. He said the same thing to Hindus, the same thing to Muslims (inaudible) If you realise that we're all sharing this universal vibration of energy, as one cosmic consciousness, it's impossible to hurt you and not understand that I'm hurting myself. It's impossible to cut down trees meaninglessly without realising that you're also hurting the ecosystem and hurting humanity in the end.



So I believe that his messages - all these messages - they're timeless, they're universal. Because they're true. And they'll always be true. Just as Gandhi said - truth will always prevail. And to us today, on World Philosophy Day, it gives us hope. Because this is the truth, this means that the world will always continue to evolve to become a better place.

And I will end by saying what Gandhiji said: "Never lose faith in humanity. If a few drops of the ocean are polluted, the ocean itself is still pure."

With these words I'll end, but I just want to say one quick thing, because I have all these beautiful Portuguese people in front of me(inaudible)I want to tell you that your Prime Minister, his excellency Dr Antonio Costa, is the only serving Prime Minister who is a member of the Committee set up by our Prime Minister Shri Narendra Modi to celebrate worldwide, the 150th anniversary of Gandhiji.

Prime Minister Antonio Costa will be travelling to India shortly to attend a meeting of this Committee to meet our Prime Minister, our President, our political parties(inaudible)I think it's a very special moment and it underscores what I believe: that the people of Portugal have a special sensitivity to these universal truths, to spirituality, to Yoga, to meditation (inaudible) I see a growing interest in Portugal and I believe this is part of your culture, part of your ethos, part of who you are as a country, that has always believed in exploring the unknown. Maybe due to your geographic location, as we were discussing, you've always looked inside and outside. And I hope that Mahatma Gandhi will continue to unite our two countries, bring our people closer, and I thank you all for giving me the opportunity to say these few words and share these thoughts.

Thank you!



K. Nandini Singla and José Carlos Fernández (writer and director of Nova Acrópole Portugal)



*"Apenas a verdade  
perdurará, e tudo o resto  
será varrido pela maré  
do tempo."*

GANDHI







Meditação. Pixabay

# Sobre os *Upanishads* na Cosmogênese<sup>1</sup> de H.P. Blavatsky

*“A História da Criação e deste Mundo, desde o seu início até ao tempo presente, está composta por sete capítulos. O sétimo capítulo ainda não foi escrito.”*

T. Subba Row

O primeiro desses “sete capítulos” foi tentado e agora está concluído. Por mais incompleta e fraca que seja como exposição, aproxima-se de todas as formas – matematicamente falando – ao que constitui a base mais antiga de todas as cosmogonias subsequentes. Ousada é a tentativa de expressar numa linguagem europeia o grande panorama da Lei que eterna e periodicamente se manifesta, Lei

impressa nas mentes plásticas das primeiras Raças dotadas de Consciência, por aqueles que a refletiam da Mente Universal. É uma tarefa ousada, porque nenhuma língua humana, exceto o sânscrito – que é a dos Deuses – pôde fazê-lo com algum grau de precisão. Mas, considerando a intenção, devem ser perdoados os defeitos da nossa obra.

Como conjunto, nem o anterior nem o seguinte se encontrará na sua totalidade em parte alguma. Não é ensinado em nenhuma das seis escolas hindus de filosofia, pois pertence à síntese das mesmas, à sétima que é a Doutrina Oculta. Não está localizado em nenhum papiro egípcio deteriorado

nem gravado em qualquer ladrilho ou muro de granito assírio. Os Livros do Vedanta – a “última palavra do conhecimento humano” – fornecem apenas o aspeto metafísico desta cosmogonia do mundo e seu tesouro inestimável, os *Upanishads* – sendo Upa-ni-shad uma palavra composta que significa o domínio da ignorância pela revelação do conhecimento secreto e espiritual – requerem hoje a posse de uma chave mestra para que o estudante possa fazer-se possuidor do seu significado pleno. A motivo disto, arrisco-me a expor aqui, assim como aprendi do meu Mestre.

O nome *Upanishad* é geralmente traduzido como “doutrina esotérica”. Esses tratados fazem parte do *Shruti* ou Conhecimento “revelado”, estão geralmente unidos a porção brâhmana dos Vedas, como a sua terceira divisão.

[Ora bem] os Vedas têm um significado diferente e duplo: um expresso pelo sentido literal das palavras, a outra indicada pelo metro e o svara (entoação), que são como a vida dos Vedas ... Sábios, pandits e filólogos negam, é claro, que o svara tenha algo a ver com filosofia ou antigas doutrinas esotéricas, mas a misteriosa conexão entre svara e luz é um de seus segredos mais profundos.



Helena Blavatsky. SnappyGoat

Existem 150 *Upanishads* enumerados pelos orientistas que consideram como os mais antigos escritos, provavelmente, 600 anos antes da nossa era. Mas, quanto aos textos genuínos, não existe nem a quinta parte daquele número. Os *Upanishads* são para os Vedas o que a Cabala é para a Bíblia judaica. Expõem e explicam o significado secreto e místico dos textos védicos. Falam da origem do Universo, da natureza da Divindade e do Espírito e da Alma, bem como da conexão metafísica entre a Mente e a Matéria. Resumindo: CONTÊM o princípio e o fim de todo o conhecimento humano, mas pararam de o REVELAR desde os dias de Buda.

Por não ser assim, os *Upanishads* não poderiam ser chamados de esotéricos, desde o momento em que encontram hoje bem à vista, unidos aos Livros Sagrados Brahmanicos, que nos nossos tempos se tornaram acessíveis, mesmo para os Mlechchhas (os sem casta) e aos orientistas europeus. Uma coisa existe neles – e encontra-se em todos os *Upanishads* – a qual invariável e constantemente indica a sua origem antiga e prova: (a) que algumas das suas partes foram escritas antes que o sistema de castas se tivesse convertido na instituição tirânica que existe hoje; e (b) que metade dos seus conteúdos foram eliminados, enquanto que alguns deles foram reescritos e resumidos

“Os grandes Mestres do Saber superior e os brahmanes são sempre representados como indo aos reis Kshatriyas (classe militar), para converter-se em seus discípulos”. Segundo o Professor Cowell observava pertinentemente, os *Upanishads* “respiram um espírito completamente diferente (de outros escritos brahmânicos), uma liberdade de pensamento desconhecida em qualquer obra mais antiga, exceto nos próprios hinos do Rig Veda”. A segunda situação explica-se por uma tradição registada num dos manuscritos sobre a Vida de Buda. Diz-se que os *Upanishads* foram originalmente unidos aos seus BrâhmanAs, desde o princípio de uma reforma que conduziu ao exclusivismo do presente nas castas entre os brahmanes, poucos séculos após a invasão da Índia pelo “Duas vezes nascido”. Naqueles dias estavam completos e eram usados para a instrução dos Chelas que estavam a preparar-se para a Iniciação.





ainda não caíram nas mãos do Filisteus; porque são preservados com excesso de zelo nos seus mosteiros (mathams). E ainda existem razões muito mais importantes para nos fazer acreditar que o inestimável Bhâshyas sobre a Doutrina Esotérica dos brahmanes, pelo maior dos seus expositores, permanecerá sendo, por séculos, a língua morta para a maioria dos hindus, exceto para os brahmanes Smârtava.

Esta seita, fundada por Shankarâchârya, que ainda é muito ponderosa na Índia Meridional, é atualmente a única que produz estudantes com

conhecimento suficiente para entender a língua morta dos Bhashyas. A razão para isso é, segundo me disseram, que eles são apenas aqueles que têm em ocasiões verdadeiros iniciados a seu cargo, nos seus mathams, como por exemplo, no Shringagiri nos Ghâts ocidentais de Mysore. Por outro lado, não existe mais nenhuma seita nesta casta dos brahmanes tão desesperadamente exclusiva, que seja mais do que a Smârtava e a reticência dos seus membros em dizer o que sabem, enquanto às ciências ocultas e a Doutrina Esotérica é somente igualada pela sua altivez e conhecimentos.



Himalaias. Pixabay





Lotus. Pixabay

# O *Kaushitaki Upanishad* e a Viagem da Alma ao Coração do Real

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

*“Dou a volta completa dos Deuses.*

*Dou a volta completa do Sol”*

A palavra *Upanishad* foi traduzida de muitas maneiras, usando as suas raízes sânscritas, desde as “Correspondências Ocultas”, como também o faz, por exemplo, o professor Juan Arnau, e também “Perto do Todo” ou “Aos pés do Mestre”.

Os *Upanishads* aparecem vinculados a esta “Bíblia mais antiga da Humanidade que são os Vedas”

aos quais se pode atribuir uma antiguidade muito diferente, embora os mais importantes pertençam, como é lógico, ao período Védico.

O *Kaushitaki Upanishad* pertence ao Rig Veda e este nome, *Kaushitaki*, é de um Mestre que vê no Sol e no alento vital os símbolos de Brahman, senão o próprio Brahman.

Consiste em quatro partes e não é muito extenso. Na edição Atlanta, que estou a seguir, ocupa 30 páginas do livro.

Como em outros Upanishads, estes são ensinamentos de reis e, portanto, kchatryas, aos próprios brahmanes, sobre os mistérios do real e sobre os seus próprios rituais e filosofia.

Em geral, a parte mais conhecida, e sobre a qual versa este artigo, é a primeira, onde a reencarnação explica-se de uma forma sui generis, embora possamos dizer que, de um modo velado, isto é, alegórico, indica a viagem da Alma pelos diferentes planos de consciência do Universo, as diferentes esferas do Ser, ou, ao contrário, o seu retorno à Terra, vítima do Karma, para continuar a arrastar, como o escaravelho, símbolo do discípulo no Egito, a sua esfera de destino e matéria que deve chegar a converter-se numa esfera perfeita. E assim se reproduz na terra o mistério dos céus, da mesma forma que o dito escaravelho orienta-se pela Via Láctea no seu “caminho a Casa”.

Vemos presente desde as primeiras palavras – e num enigma em que o rei põe à prova o filho do brahmán que se converterá no seu discípulo – o facto de que o sacrifício é um meio para a viagem da alma a outros mundos, o fogo estabelece o vínculo e as formas mentais criadas serão a escada ou o veículo ou o barco que permite remar naquele mar sem margens.

Filho de Gautama, existe no mundo para onde me hás de enviar um refúgio seguro ou, pelo contrário, conduz a outro lugar? Peço-te, não me envies para um mundo nefasto.

Também neste texto a jornada da Alma é aquela que começa com a morte. E toda a filosofia do mundo sublunar que encontramos em Aristóteles e sucessores na Idade Média, também encontramos aqui. E isto é obviamente um símbolo:

*“Aqueles que partem desse mundo não é senão à Lua para onde viajam (...) A Lua é a porta do mundo celestial. Ela deixa passar a quem conhece as respostas, enquanto que a quem não as conhece transforma-os em chuva e fá-los retornar a este mundo, onde renascem em diferentes condições, dependendo das suas obras e conhecimentos”.*



Lua Cheia. Pixabay

E, claro, os mistérios da Lua são os da Psique humana e da sua mente banhada na sua própria emotividade, cujo amnios rodeia toda a Terra. Um labirinto, e como no livro egípcio A Oculta Morada, há que conhecer as respostas para as perguntas sobre os segredos da vida. Se não, a alma, tal como a chuva, fertiliza novamente a matéria convertendo-a na natureza viva para seguir o seu caminho de experiência e perfeição. Também nos mistérios astecas, a chuva de Tlaloc, vertical e de fogo, representava, numa chave, a reencarnação. E o seu paraíso, aquele luminoso e feliz, em que vivem as almas antes de serem imperiosamente chamadas, nolis volendi, para uma nova oportunidade de ação e redenção.

Diz-se que dessa “primeira fonte”, a Lua, é de onde descendem os Ancestrais ou Pitris, cujas formas abrem o caminho para a evolução da humanidade nesta Terra e, por isso, são honrados. Nesta Filosofia Védica, aquele que nasce e entra na matéria é Atman, na matriz, ou seja, filho e vítima do Tempo:

*“Nasci, fiquei gerado, como o mês que faz treze,*

*Pelo pai ao qual devem a sua existência os doze”*

A Roda dos Signos do Zodíaco, e por tanto Ele é o Ano, o Tempo, e por isso, por ser seu filho, encarnado na matéria, e seu pai, antes de o ser, na sua eternidade e perfeição, Atman diz que ele próprio é o tempo e pede às estações, ao girar a sua roda, que o conduzam de novo ao imortal. E que por ser isso, ele mesmo é a Lua, é filho de Saturno, como a Lua, e como ela arrastada pelos ciclos e pela Terra:

*“Quem sou eu senão tu?”*



E, dizendo isto, a Lua o deixa passar, e após tomar o caminho que conduz aos deuses, o deixa chegar ao mundo do Fogo ... ”

Talvez numa outra chave a Lua seja símbolo de buddhi, luz espiritual, do discernimento, a veste pura do próprio Atma. Mas como Atma estava nos labirintos da mente, esta pureza e sabedoria serão aquelas que o permitirão sair, tal como no mito de Teseu o Fio de Ariadne. Sem identificar-se com ela, sem a sua ajuda, ele não conseguirá ir mais além deste labirinto.

Nas diferentes esferas ou céus que percorre a Alma, chega ao Oceano de Ara, uma palavra sânscrita que significa o raio de uma roda e, também, com o primeiro “A” longa, “Saturno”, “Bronze”, “Distância” e inclusive “Marte” ou “óxido de ferro” e também “cessação”, “descanso”. Oceano que deve atravessar mentalmente e no qual se afundam aqueles que não têm o conhecimento necessário, diz o texto. Atravessa o rio Vijara, ou seja, “sem velhice”, e aqui superou o Tempo e as suas exigências e, portanto, o Karma. A Alma alcança a Juventude Eterna, liberta-se da ação da Roda da Necessidade, entra nos umbrais de Brahman:

*“E como o cocheiro olha desde o alto para as duas rodas da sua carruagem, de forma semelhante desde o alto o dia e a noite, as boas e as más ações [porque esgotou os seus frutos nefastos, redimiou-se, equilibrou a balança] e todos os pares de opostos. Esse homem libera-se assim das suas boas e más ações e, conhecendo Brahman, a Ele se dirige.”*



Chama, Luz. Pixabay

E não termina assim o voo da Alma para Brahman, apesar de já não arrastar nada do barro da terra. Por isso, depois de ser acolhido por ninfas celestes que o adornam, perfumam, ungem, vestem e outorgam frutos (500, 100 de cada e em relação a cada um dos sentidos e a Mente, mas já orientados para o espiritual, por isso a primeira que o acolhe é Manasi). O próprio Brahman lhes disse: “Corram em direção a ele. Para minha glória chegou ao rio da Eterna Juventude e jamais envelhecerá”. E assim disfarçado e adornado por todas as graças das ninfas celestes “o conhecedor de Brahman dirige-se a Brahman”

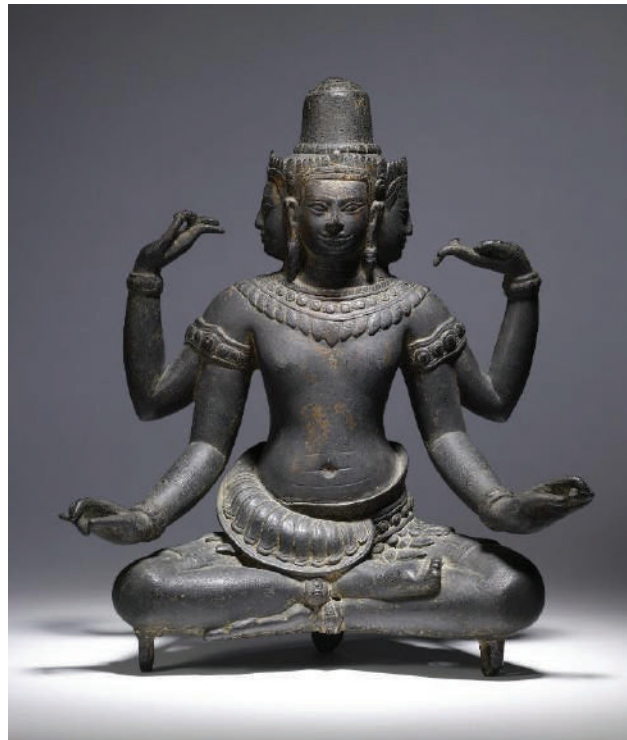
Com estes dons, que parecem ser as influências celestes do seu próprio Eu espiritual (Atman), continua a avançar em direção ao coração do Real (Brahman). E agora, quem o envolve não são as suas próprias irradiações mas as do Coração da Existência:

*“Chega assim à árvore Ilya e a fragrância de Brahman o envolve. Chega à paragem em Salajya, e o sabor de Brahman o envolve. Chega à mansão Aparajita e o esplendor de Brahman o envolve. Chega com os guardiões Indra e Prajapati e ambos retrocedem ante ele. Chega à estadia Vibhu e a glória de Brahman o envolve.”*

Chega então ao Trono confeccionado com os cantos dos Vedas, o Trono de Vicakshana, “olhar penetrante”, porque:

*“Este trono é sabedoria, a sabedoria que outorga um olhar penetrante”*

E a partir daí, no leito em que Brahman, o Coração do Real, descansa, que é o alento vital e cujas patas dianteiras são o passado e o futuro, e as suas patas traseiras a abundância e o alimento, etc.



Brahma. Creative Commons

E este texto sublime continua, quando a alma sobe ao leito com o seu pé direito (com o que figura o hierosgamos do Amante e do Amado, do Logos e da sua irradiação lançada na caverna do espaço e do tempo e que retorna à Fonte) :

*“Então Brahman pergunta-lhe:” Quem és tu? ” ao que ele deve responder:*

*“Sou filho do tempo e das estações. O espaço é a matriz de onde nasci como sêmen para uma mulher; como esplendor do ano, como o atmán de todas as criaturas. Tu és o atman de todas as criaturas, e o que tu és, isso eu sou. “*

*“E quem sou eu? pergunta então Brahman. Ao que deve responder:*

*-O Real.*

*-E o que é o Real?*

*-O reverso dos deuses e das funções vitais, isso é, sat. Por sua vez, os deuses e as funções vitais são tyam. A tudo isso se refere à palavra “real”. Tudo isso abarca e tudo isso és tu. “*

*E depois de perguntar-lhe Brahman como conhece as suas diferentes dimensões e a Alma responde-lhe à última:*

*E como conheces os meus pensamentos, os meus objetos de percepção e os meus desejos?*

*Com a consciência “*

*Brahman finaliza:*

*“Na verdade alcançaste o meu mundo. É todo teu!”*

*“Qualquer conquista, qualquer realização pertencem a Brahman. Embora pareça que é o próprio que a atinge, que a conquista, que o conhece, é Brahman quem o faz”*

Uma belíssima afirmação, semelhante, sem dúvida ao “Só Deus é vencedor” dos cavaleiros medievais, ou ao “Non nobis, non nobis, sed nomine tuo da gloriam” dos místicos e heróis templários.

A Terra não verá a sua face, pois converteu-se no Eu mesmo, eterno e universal.





Himalais. Pixabay

# Joias do *Panchatantra*: Conto III

Em certo lugar viviam quatro brâmanes, filhos de família, que tinham uns pelos outros uma grande amizade. Todos eles afligidos pela pobreza. Aconselharam-se uns com os outros, dizendo:

– Ah! Que horror é a pobreza! Pois muito bem se disse:

23. Mais vale viver num bosque cheio de tigres, de elefantes e de outras feras, sem água e coberto de abundantes espinhos, dormindo no chão e vestindo cascas de árvores, do que arrastar uma vida miserável no meio da família.

24. Ao homem que não tem dinheiro, odeia-o o rei, ainda que o sirva com diligência, desprezam-no os seus melhores parentes, eclipsam-se-lhe todas as boas qualidades que tenha, caem sobre ele as desgraças, não o quer a mulher, mesmo que seja de família honrada, e não o ajudam os amigos, ainda que se tenha feito credor da sua ajuda.

25. Pode ser bravo, formoso, distinto, eloquente e conhecer perfeitamente as ciências e o manejo das armas; se um homem não tem dinheiro, não adquirirá glória nem honra neste mundo.

26. Os órgãos dos sentidos estão cabais; isso são nomes. O entendimento discorre perfeitamente; isso são palavras. O homem que fica sem dinheiro, converte-se no mesmo instante num animal de carga; isso é surpreendente.

Vamos, pois, para qualquer lugar onde nos façamos ricos.

Assim resolvidos, abandonaram o país e a cidade onde tinham amigos, casa e família, e partiram. Pois bem se disse isto:

27. Deixa o seu verdadeiro amigo. Separa-se da família, abandona prontamente a sua própria mãe e, saindo da pátria, vai para terra estranha, vive entre

gente que não estima, o homem que neste mundo só pensa em tornar-se rico.

Caminhando juntos, chegaram à cidade de Avanti; aí tomaram um banho nas águas do Sipra, fazendo as honras a Mahakala e, quando saíram da água, encontraram um yogui chamado Bhairavananda. Cumprimentaram-no, segundo a maneira própria dos brâmanes, e foram com ele para o seu convento. O yogui perguntou-lhes de onde vinham, para onde iam e com que objetivo, e eles reponderam:

– Vamos em peregrinação, em busca de um poder mágico: e continuaremos até que encontremos a riqueza ou a morte. Tal é a nossa resolução, pois disse-se:

28. Muitos desejos e riquezas difíceis de alcançar, obtêm os homens varonis e esforçados que sabem aproveitar a ocasião propícia.

Assim pois:

29. A água cai por vezes da nuvem num lago, mas também se escapa por um buraco. O destino é incompreensível; mas o acto humano, não será também poderoso?

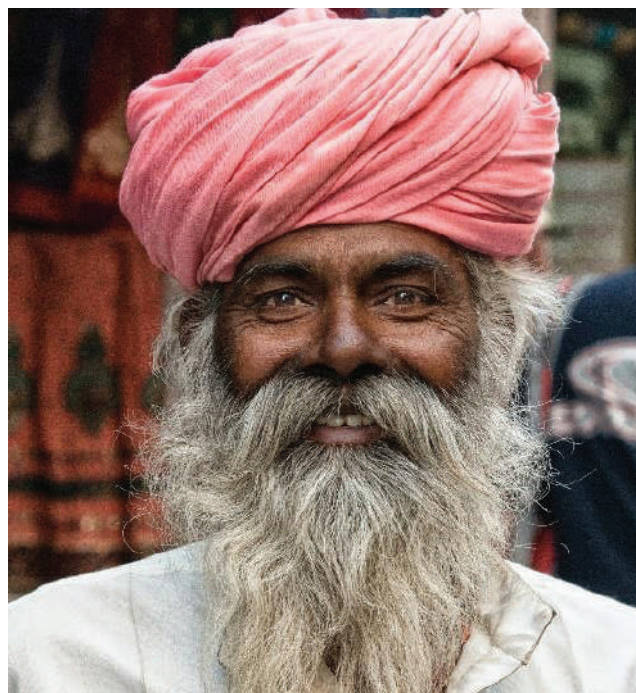
30. O homem que põe em ação toda a sua energia, obtém êxito em todos os seus projetos; isso a que chamam destino é uma qualidade do homem denominada o invisível<sup>1</sup>.

31. O medo sem igual que se tem aos poderosos, estimam-no os homens esforçados como uma palha, tal como à vida; este proceder é extraordinário, mas é o proceder dos grandes.

32. Sem dar o corpo à fadiga, não se obtém no mundo, dita nem felicidades; o destruidor de Madhu estreita Lakxmi com os seus braços fatigados pelo bater do mar<sup>2</sup>.

33. Como não há-de ser inconstante a esposa de Visnu, embora ele seja tão varonil, se a deixa durante os quatro meses seguidos que passa no Oceano a dormir (cobra e serpente)?

34. A superioridade é difícil de alcançar enquanto o homem não faça acto de valor. Quando o Sol sobe até à Libra, vence montões de nuvens.



Homem Hindu. Pixabay

Indica-nos, pois, algum meio de nos fazermos ricos, seja entrar numa caverna, matar um demónio fêmea, residir num cemitério, vender carne humana, possuir uma varinha mágica ou qualquer outra coisa; pois tu, segundo se diz, tens um poder extraordinário, e nós temos valor para tudo. E disse-se:

35. Só os grandes são capazes de levar a cabo os projetos dos grandes. Excepto o Oceano, quem é capaz de aguentar o fogo submarino?

Bhairavananda fez então quatro varinhas mágicas de extraordinário poder, e deu uma a cada um, dizendo:

– Vão para a região do Himalaia. Uma vez chegados, onde lhes cair uma varinha, aí encontrarão certa-

1 Esta qualidade, mérito ou demérito, depende dos atos praticados na vida anterior

2 Alusão ao nascimento desta deusa, saída da rebentação das ondas



mente um tesouro. Cavem nesse lugar, recolham o tesouro e regressem. Os quatro brâmanes partiram, e enquanto caminhavam, caiu a varinha da mão do que ia à frente. Começaram a cavar, encontraram a terra toda feita de cobre, e o que deixara cair a varinha disse:

– Apanhem todo o cobre que desejarem.

Os outros, no entanto, responderam:

– Nêscio! E que faremos com o cobre, se ainda que tenhamos abundância, não se alterará a nossa pobreza? Levanta-te, pois, e sigamos em frente.

– Vão vocês – disse o primeiro – Eu já não passo daqui.

E este brâmane, recolhendo todo o cobre que quis, regressou a casa. Os outros três seguiram o seu caminho. Quando tinham avançado um pouco mais, o que ia à frente deixou cair a sua varinha. Cavaram nesse lugar, e encontraram terra feita de prata. Então, cheio de alegria, o que tinha deixado cair a varinha disse:

– Apanhem toda a prata que quiserem; não vão mais longe.

Os outros dois, porém, responderam:

– Oh! Ali atrás a terra é de cobre, e aqui é de prata. Certamente, pois, mais adiante será de ouro. Além disso, ainda que tenhas prata em abundância, não desaparecerá a tua pobreza; por isso nós os dois continuaremos.

E dito isto, foram mais longe. O outro apanhou toda a prata que pôde e voltou a casa. Enquanto os últimos dois avançavam, caiu a varinha do que ia à frente. Muito contente, começou a cavar, e ao ver que a terra era de ouro, disse ao outro:

– Toma todo o ouro que quiseres, pois não haverá coisa que valha mais do que ele.

– Que nêscio és! – respondeu o quarto brâmane – Não vês que primeiro encontrámos cobre, depois

prata e aqui ouro? Certamente, pois, mais adiante haverá pedras preciosas, com uma das quais deixa um homem de ser pobre. Levanta-te, pois, e sigamos em frente. Para que queres o ouro, ainda que seja em abundância, se é um peso?

– Vai tu – disse o outro – Eu ficarei aqui à tua espera.



Tesouro. Pixabay

Combinadas as coisas assim, o último brâmane seguiu em frente, mas, desviando-se do caminho que devia seguir, começou a deambular ao acaso. Indo à aventura, viu num ponto elevado um homem com o corpo coberto de sangue, e que tinha uma roda que lhe dava voltas sobre a cabeça. Aproximou-se dele, e sorrindo, perguntou:

– Eh! Quem és tu? Porque estás aqui com essa roda a girar-te sobre a cabeça? Diz-me se há água aqui por perto.

Enquanto o brâmane falava, a roda passou num instante da cabeça do homem para a dele.

– Amigo, o que é isto? Perguntou ele, espantado.

– Tal como sobre a tua, assim caiu essa roda sobre a minha cabeça – respondeu o outro.

– Diz-me, então, quando se irá embora, pois causa-me uma grande dor.

– Quando chegar outro como tu chegaste, com uma varinha na mão, e te falar, então a roda cairá sobre a cabeça dele.

– E quanto tempo havia que estavas aqui? – inquiriu o brâmane

– Quem reina agora na terra?

– O rei Vnavatsa – respondeu o brâmane

– Pois não saberia dizer-te quanto tempo aqui estive. Reinava Rama, quando eu, afligido pela pobreza, vim por esse caminho com uma varinha mágica. Vi um homem com a roda que lhe girava sobre a cabeça. E no momento em que lhe fiz uma pergunta, aconteceu-me isso.

– Como, durante o tempo que estiveste aqui, arranjaste comida e bebida? – quis saber o brâmane

– Por sortilégio do deus da riqueza, receoso de que lhe roubem os seus tesouros, ao homem que chega até aqui e fica nesta situação, passa-lhe a fome, a sede e o sono, e fica isento da velhice e da morte. Só sente a dor que lhe causa a roda. Com tua licença, pois. Vou para casa, já que estou livre.

E, dito isto, o homem foi-se embora.

Entretanto, o que tinha encontrado o ouro, vendo que o amigo não voltava, resolveu ir procurá-lo. Tendo-se internado num bosque, viu-o sentado

numa pedra, com o corpo coberto de sangue e gritando devido à dor que lhe causava a roda que lhe girava na cabeça. Aproximou-se, e, com lágrimas nos olhos, perguntou-lhe:

– Amigo, o que é isto?

– Influência do destino – respondeu o outro.

– Mas, como te aconteceu semelhante coisa?

Então o outro contou-lhe toda a história da roda. O do ouro, depois de o ter ouvido, disse-lhe repreendendo-o:

– Oh! Eu bem te avisei, mas não fizeste caso das minhas palavras. Que fazemos agora? Ainda que sejas sábio e de boa família, careces de discrição, e bem se disse:

36. Mais vale a discrição do que a ciência; a discrição é superior à ciência. Os que não a têm, perecem como perecem os fazedores de um leão.

O que tinha a roda na cabeça perguntou:

– Como foi isso?

O outro contou:





Buddha. Pixabay

# O Sermão de Benares

*Publicado em “Evangelho de Buda” (capítulo XVI). Paul Carus. Editorial Êsquilo*

Vendo o seu velho mestre aproximar-se, os cinco *bhikkhus* combinaram entre si não o cumprimentarem nem tratarem como mestre, mas apenas pelo seu nome. “Porquê?”, disseram, “ele quebrou os votos e abandonou a ascese. Não é um *bhikkhu* mas Gotama, e Gotama tornou-se num homem que vive em abundância e entregou-se aos prazeres do mundo.”

Mas quando o Abençoado aproximou-se de forma digna, eles levantaram-se involuntariamente dos seus assentos e saudaram-no, apesar do que pensavam. Mesmo assim, chamaram-no pelo seu nome e dirigiram-se a ele como “amigo Gotama”.

Ao terem recebido o Abençoado desta forma, ele disse: “Não chamem o Tathāgata pelo seu nome nem se dirijam a ele como “amigo”, porque ele é Buddha,

o Bem-aventurado. Buddha olha de igual forma com um coração carinhoso para todos os seres vivos e por isso chamam-lhe “Pai”<sup>1</sup>. É errado desrespeitar um pai, é escandaloso menosprezá-lo.”

“O Tathāgata”, continuou “Buddha não procura a salvação pelas austeridades, mas também não a procura entregando-se aos prazeres do mundo nem vivendo na abundância. O Tathāgata encontrou o caminho do meio.”

“Há dois extremos, Ó *bhikkhus*, que o homem que desistiu do mundo não deve seguir – por um lado, a prática habitual da autoindulgência que

<sup>1</sup> Aqui refere-se a atitude usual indiana de respeito por todo o sábio ou mestre, que em regra é o guru (mestre), mas que de forma mais distinta é bāba (pai). Um mestre é considerado na tradição clássica como a representação de pai, mãe e deus.

é desmerecedora, vã e somente apropriada para aqueles que têm uma mente vulgar – por outro, a prática habitual da auto mortificação, que é dolorosa, desnecessária e infrutífera.”

“Nem a abstinência de carne ou peixe, nem o nu, nem rapar a cabeça, nem usar o cabelo emaranhado, nem usar vestes grosseiras, nem cobrir o corpo com cinza, nem sacrificar a Agni, purificarão um homem que não esteja livre das ilusões.”

“Ler os Vedas, fazer oferendas aos sacerdotes ou sacrifícios aos deuses, auto mortificando-se pelo calor ou pelo frio e muitas abstinências com o objetivo de atingir a imortalidade, tudo isto não purificará o homem que não se livrou das ilusões.”

“O ódio, o alcoolismo, a obstinação, o fanatismo, o logro, a inveja, a vaidade, desacreditar os outros, a arrogância e as más intenções constituem imperfeições, e não verdadeiramente o consumo de carne.”

“Um caminho do meio, Ó bhikkhus, evitando os dois extremos, foi descoberto pelo Tathāgata – um caminho que abre os olhos e confere entendimento, que leva à paz de espírito, à sabedoria elevada, à iluminação, ao Nirvāna!”

“Qual é esse caminho do meio descoberto pelo Tathāgata, Ó bhikkhus, que evita estes dois extremos – esse é o caminho que abre os olhos e confere o entendimento, que leva à paz de espírito, à sabedoria elevada, à iluminação total, ao Nirvāna?”

“Deixem que vos ensine o caminho do meio, Ó bhikkhus, que se mantém distante dos dois extremos. Pelo sofrimento, o ermita emagrecido, fica confuso e tem pensamentos doentios. A mortificação não conduz sequer ao conhecimento terreno, muito menos ao triunfo sobre os sentidos!”

“Aquele que enche a sua lâmpada com água não afastará a escuridão, e aquele que tenta acender o lume com madeira podre falhará. E como pode alguém libertar-se do ego levando uma vida miserável, se não consegue extinguir os fogos da luxúria e se ainda oscila ardentemente pelos prazeres mundanos e celestes? Mas aquele em

quem o ego se extinguiu está livre da luxúria; não desejará nem os prazeres do mundo nem os do céu e a satisfação dos seus desejos naturais não o incomodará. Porém, que seja moderado, que coma e beba de acordo com as necessidades do corpo.”

“A sensualidade é irritante; o homem auto-indulgente é um escravo das suas paixões, e a constante procura do prazer é degradante e vulgar.

“Mas satisfazer as necessidades da vida não é mau. Manter o corpo saudável é um dever, porque de outra forma não poderemos ornamentar a lâmpada da sabedoria e manter a nossa mente forte e lúcida. A água rodeia a flor do lótus, mas não molha as suas pétalas.”

“Este é o caminho do meio, Ó bhikkhus, que mantém afastado os extremos.”

E o Abençoado falou amavelmente aos seus discípulos, admoestando-os pelos seus erros, sublinhando a inutilidade dos seus comportamentos e, a má vontade que gelou os seus corações derreteu--se sob o suave calor persuasivo do Mestre.

Então o Abençoado colocou em movimento a roda da mais excelente lei, começou a pregar aos cinco bhikkhus, abrindo-lhes a porta da imortalidade e mostrando-lhes a felicidade do Nirvāna.

Buddha disse:

“Os raios da roda são as regras da pura conduta: a justiça é a sua distância uniforme; a sabedoria é a roda; a modéstia e o bom senso são o centro por onde passa o eixo imóvel da verdade.”

“Aquele que reconhece a existência do sofrimento, a sua causa, o seu remédio e a sua dissolução alcançou as quatro nobres verdades. Ele andarà pelo caminho correto.”

“Os pensamentos corretos serão os fochos que iluminarão o seu caminho. Os ideais corretos serão os seus guias. As palavras corretas serão a sua morada pelo caminho. O seu passo será direito porque tem um comportamento correto. Os seus contentamentos serão a forma correta de ganhar a





Discípulos de Buda. Pixabay

sua vida. Os esforços corretos serão os seus passos, os pensamentos corretos serão a sua respiração e a correta contemplação dar-lhe-á a paz que será a sua marca.”

“Ouvi agora Ó bhikkhus, esta é a nobre verdade relativa ao sofrimento:

“O nascimento está ligado à dor, o envelhecimento é doloroso, a doença é dolorosa, a morte é dolorosa. A união com o que é desagradável é dolorosa. Doloroso é o afastamento do que é agradável e qualquer desejo que não seja satisfeito é igualmente doloroso. Resumidamente, as condições físicas que emergem do desejo são dolorosas.”

“Esta é então, Ó bhikkhus, a nobre verdade relativa ao sofrimento.”

“Ouvi agora, Ó bhikkhus, esta é a nobre verdade relativa à origem do sofrimento:”

“Verdadeiramente, é esse desejo que origina a renovação da existência, juntamente com a sensualidade, com a procura da satisfação, ora aqui ora ali, a procura de gratificação pelas paixões, a procura por uma vida futura e o desejo de felicidade nesta vida.”

“Esta é então, Ó bhikkhus, a nobre verdade relativa à origem do sofrimento.”





A Roda da Vida e os raios de Samsāra. Creative Commons



“Ouvi agora, Ó bhikkhus, esta é a nobre verdade relativa à destruição do sofrimento.”

“Verdadeiramente, é a destruição, na qual não resta paixão alguma, desta mesma sede, é afastar, estar livre, não permanecer mais nesta sede.”

“Esta é então, Ó bhikkhus, a nobre verdade relativa à destruição do sofrimento.”

“Ouvi agora, Ó bhikkhus, esta é a nobre verdade relativa à maneira como se destrói a tristeza. Esta nobre verdade é constituída exatamente por oito partes, que são as seguintes:”

“Pontos de vista corretos; ambições corretas; fala correta; comportamento correto; vida correta; esforço correto; pensamentos corretos e contemplação correcta.

“Esta é então, Ó bhikkhus, a nobre verdade relativa à destruição da tristeza.”

“Pela prática do amor e da amabilidade, libertei o coração e por isso tenho a certeza de que nunca voltarei a nascer. E mesmo agora atingi o Nirvāna.”

E quando o Abençoado colocou a majestosa roda da verdade em movimento, uma vibração percorreu todos os universos.

Os devas abandonaram as suas moradas para ouvir a doçura da verdade, os santos que partiram desta vida juntaram-se à volta do grande mestre para receber as felizes novas, até os animais da terra sentiram a bênção que se soltou das palavras do Tathāgata. E todas as criaturas das hostes dos seres sensíveis, deuses, homens e feras, ao ouvirem a mensagem da libertação, receberam e entenderam-na nas suas respectivas línguas.

E quando a doutrina foi propagada, o venerável Kondañña, o mais velho dos cinco bhikkhus, compreendeu a verdade com a sua intuição e disse: “Em verdade, Ó Buddha, nosso Senhor, tu encontraste a verdade!” Então, os outros bhikkhus também se juntaram a ele exclamando: “Em verdade, tu és Buddha, tu encontraste a verdade.”

E os devas e os santos, e todos os espíritos bons das gerações anteriores que ouviram o sermão do Tathāgata, alegremente receberam a doutrina e gritaram: “Em verdade, o Abençoado fundou o reino da retidão. O Abençoado moveu a terra, ele colocou em movimento a roda da Verdade, que ninguém no universo, seja deus ou homem, pode fazer retroceder. O reino da Verdade será pregado pela terra, será difundido, e a retidão, a boa-vontade e a paz reinarão entre a humanidade.”



## Fragmentos do *Yōga Vasishtha II*: Sobre o conhecimento (*jñāna*) e o sábio (*jñāni*)

Devemo-nos esforçar por ser um *jñani*<sup>1</sup> e não um *jñānabandhu*<sup>2</sup>. Este último é o que estuda as escrituras pelo prazer pessoal, tal como o pintor estuda a arte, mas não vive o que estuda. O seu conhecimento teórico não se reflete no quotidiano da sua vida e apenas está interessado em potenciar o seu bem-estar e a sua felicidade sensível. Considero que um ignorante é superior a um *jñānabandhu*, como este que te falo.

1 Um verdadeiro sábio ou Homem do conhecimento.

2 Um Homem escravizado ao conhecimento, o falso sábio.

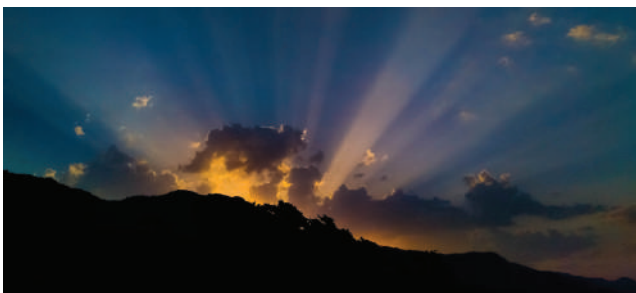
*Jñāna* é autoconhecimento, o conhecimento do ser, as demais formas de conhecimento são apenas um pálido reflexo seu. Temos de trabalhar neste mundo o tempo necessário para levar uma vida honrada e suportar o que é essencial para mantermos a nossa força vital. Mas só temos de manter a força vital para adquirir conhecimento e, para isso, temos de investigar o nosso interior e compreender o que nos livra definitivamente da dor.

O *jñani*, ou homem do conhecimento, é inconsciente dos efeitos das ações porque domina o autoco-



nhecimento e ignora a mente individual e os seus objetos. Superou também as tendências mentais e a sua inteligência carece de qualquer perversão, de modo que o seu conhecimento não o conduz a uma reencarnação futura. Só realiza atos simples como comer ou vestir-se, que não precisam de desejo ou atividade mental determinada. Também é conhecido como **pandit**.

As criaturas não têm o propósito de existir nem de continuar a viver. Não são entidades reais, embora o pareçam. A relação causal projeta-se mais tarde para racionalizar esta criação irreal. Os propósitos dos seres vivos têm a natureza da miragem. Os que pretendem descobrir a razão destas ilusões é como se tentassem carregar sobre os seus ombros o neto do filho de uma mulher estéril. A única causa destas ilusões é a não percepção, pois quando se as observa com atenção, desaparecem. Quando são seriamente investigadas, descobre-se que são apenas o *ser* supremo, mas quando se percebem através da mente, nasce o **jiva** condicionado, que não pode ver o *ser*, embora, quando este **jiva** é investigado atenta e cuidadosamente, ele resulta ser o próprio *ser*. Apenas quando é captado pela mente, parece ser um **jiva** que sofre todo o tipo de mudanças, nascimentos, adversidades, etc... Os que entendem diretamente o *ser* cósmico não percebem esta diversidade objetiva, apesar dos seus olhos estarem a contemplar o mundo. Na sua mente, apesar de estar a funcionar, não se produzem movimentos desordenados do pensamento em todas as direções e, como consequência, a sua mente é não mente e nela não há qualquer movimento<sup>3</sup>. A conduta destes **jñani**, como as folhas secas arrastadas pelo vento, não é volátil de modo algum.



<sup>3</sup> Já se disse antes que esta mente se chamava *stava*, porque nela só aparece esta *guna* da claridade e a consciência, e não as de *rájas* e *tamas*, que pressupõem a ação, o desejo e a inércia.

O **jñanabandhu**, que vive sujeito aos condicionamentos psicológicos, enaltece as regras das escrituras pois ainda não despertou espiritualmente. Os seus sentidos lutam ainda pelos objetos, enquanto que um sábio domina os seus sentidos e concentra-se no *ser*. Não existe ouro sem forma, assim como não existe **Brahmán** sem manifestação, mas a moksha é a superação do conceito da manifestação. Na conclusão deste ciclo cósmico, no decorrer do período da dissolução, uma completa escuridão cobrirá toda esta criação, mas para os olhos dos **jñanis**, este também é o momento em que o universo está envolto na realidade de **Brahmán**. O oceano que é uno e homogêneo apesar da diversidade de movimentos que existem no seu interior, não é mais do que um **Brahmán** sem segundo, que inclui toda esta diversidade de movimentos que chamamos de mundo. O universo está dentro do ego e o ego dentro desta manifestação, ambos são inseparáveis. O **jiva** vê esta manifestação no seu interior, sem uma causa determinada nem motivo algum. A pulseira só é de ouro quando deixa de ser vista como pulseira, aqui surge o ouro. Do mesmo modo, os que veem a verdade de não estarem vivos mesmo que vivam, de que morram mesmo não morrendo, porque não existem mesmo que existam. As suas ações apenas são funções corporais involuntárias ou não expressamente desejadas.

O **jiva** existe em cada corpo como um copo de neve, aparentemente volumoso entre os seres volumosos e subtil entre os subtis.

O *eu* cai nas garras da sua própria conceção e ao tomar consciência de si mesmo acredita ser um corpo, apesar de ser irreal.

Neste conceito do *eu*, que é a sede do **karma**, o **jiva**, da mesma natureza que o esperma, existe no corpo como a fragância na flor.

Embora este **jiva** esteja dentro e fora e em todas as partes, ele identifica-se especialmente com a energia vital do **prána**, que considera a sua morada. Desta forma, existe no coração de todos os seres vivos e durante isso experiência tudo o que concebe como real, mas não alcança a paz enquanto não abandonar todo o movimento do pensamento e se

converter numa não-mente, abandonando a falsa ideia de ser um corpo individual e concreto.

Em consequência, querido Rama mesmo que continues a alimentar pensamentos e sentimentos variados, se esqueceres o egoísmo ou o sentimento do ego, ficarás em paz com o espaço infinito.

Há sábios de autoconhecimento (**jñānis**) que vivem neste mundo como se fossem estátuas. Os seus órgãos (**karmendriya**) continuam a funcionar, mas o mundo não produz a menor distração na sua consciência. Aquele que não se deixa afetar pelas ações é um homem livre.

Aquele que é feliz com qualquer roupa, alimento ou lugar resplandece como um imperador.

Mesmo que pareça viver uma vida condicionada, não está condicionado pois interiormente é livre e vazio. Mesmo que pareça ativo, não se esforça na ação e opera como um sonâmbulo.

A única diferença que existe entre o ignorante e o sábio é que este último está livre de uma mente condicionada. O que à mente condicionada parece o mundo, é visto pela mente incondicionada como **Brahmán**.

Tudo o que parece existir, perece uma e outra vez para depois se manifestar de novo.

Quando surge o autoconhecimento, este mundo objetivo é incapaz de deixar qualquer impressão em ti, como uma semente queimada que não pode renascer de novo e transformar-se numa planta.

Essa pessoa permanece no ser tanto se está ativo ou inativo. Aquele que cessou por completo os desejos do prazer, experiência a paz suprema e não aquele que apenas conseguiu tranquilizar a mente de qualquer outra forma.

Deves seguir o exemplo do piedoso Monki e seguir o teu caminho em direção ao estado supremo, vazio de desejos e livre de todo o condicionamento mental.



## História de Monki

Numa certa ocasião, fui convidado pelo teu avô Aja para uma cerimónia religiosa. Pelo caminho tive de atravessar um denso, poeirento e caloroso bosque de onde ouvi as lamúrias de outro caminhante que percorria a mesma incómoda paisagem. “Maldita seja! – gritava o homem – este calor abrasador só é comprável à companhia de gente malvada que sempre produz dor. Tenho de chegar a alguma cidade onde encontre descanso e possa refrescar-me!”

Como estava muito próximo de uma aldeia disse-lhe:

Amigo, estás no caminho errado. Neste lugar habitado por ignorantes, não podes encontrar mais satisfação do que aqueles que têm sede e bebem água salgada, o que lhes aumenta ainda mais a sede. Os ignorantes deambulam sem rumo fixo e, frequentemente, erram o seu caminho. Não se preocupam com a autoinvestigação nem se afastam das más ações. Funcionam como se fossem máquinas. Mais lhes valia ser uma serpente escondida numa cova ou um verme escondido num buraco de uma rocha ou, então, um veado coxo perdido num deserto, do que permanecer na companhia de gente ignorante. Esta companhia produz um momentâneo prazer mas é venenosa porque destrói o ser.

Quando me ouviu dizer isto, respondeu-me:

Quem é o senhor? Apesar de não possuir nada, parece radiante como um imperador. Por acaso



bebes-te o néctar? Está desprovido de tudo e pareces saciado de todas as coisas. Que forma é essa que tens, sábio, que parece não ser nada e tudo ao mesmo tempo, que parece terreno, porém transcendental? Pareces livre de todos os desejos e esperanças, mas ao mesmo tempo pareces manter esperanças e desejos.

Na tua consciência nascem os conceitos e as ideias de acordo com os teus desejos e no teu interior este universo parece existir como a semente no fruto.

Sou o peregrino chamado Monki. Venho de muito longe e só desejo encontrar o caminho de volta para casa. Mas não tenho força suficiente para o conseguir. Senhor, os grandes Homens praticam a amizade à primeira vista. Estou convencido que jamais sairei deste mundo de ilusões. Ajuda-me, por favor!



Respondi-lhe:

Amigo peregrino, chamo-me Vasishta. Não temas. Encontraste a porta da libertação. Encontraste a companhia de um homem e, portanto, estás mais próximo de alcançar a outra margem deste mundo objetivo. Na tua mente brotou o desapego e reina a paz. Quando o véu que cobre a verdade cai, a verdade brilhará por si própria. O que é que queres saber? Como é que te propões a destruir este mundo ilusório?

O peregrino Monki respondeu:

Senhor, procurei por todo o lado o homem que me pode ajudar a ultrapassar as minhas dúvidas, mas

ainda não o encontrei. Hoje consegui este grande privilégio com a tua presença que me faz o mais sortudo dos homens.

Todos os prazeres deste mundo acabam inevitavelmente em sofrimento, e por isso prefiro sofrer do que viver esse prazer que acaba por se tornar dor.

Sujeito à experiência repetida do prazer e da tristeza, a minha mente está cheia de más ideias que a impedem de refletir a luz interior de uma inteligência desperta.

Acorrentada às tendências que brotam desta vida ignorante, a mente só me leva à atividade de uma existência pecadora. Foi assim que passei toda a minha vida.

Este desejo de prazer nunca está totalmente satisfeito e embora todas as suas pretensões culminem no fracasso, nunca deixa de alimentar novos propósitos. No outono as folhas secam e caem das árvores, mas este desejo de prazer e a ansiedade que causa no meu coração nunca se esgota.

Mesmo o homem mais bem-dotado e possuidor de uma maior prosperidade fica reduzido ao estado mais miserável. A fortuna é muitas vezes a isca que prende os incautos no poço do sofrimento.

Como o meu coração está contaminado com estas tendências negativas que não encontram descanso, os sábios não querem saber nada sobre mim porque veem que só me importo com prazeres sensíveis.

Por causa disto, a minha mente persegue incansavelmente a sua própria destruição até encontrar a morte.

A densidade da minha ignorância na qual o ego se espalha ainda não foi limpa pelo luar do estudo das escrituras e pela companhia dos iluminados. O elefante da minha ignorância ainda não enfrentou o leão do conhecimento. A relva do meu **karma** ainda não encontrou o fogo que o destrói e o sol do autoconhecimento não surgiu em mim, dissipando a escuridão dos condicionamentos mentais.

Caro sábio, o que eu entendi teoricamente não tem para mim entidade ou substância real. Os meus sentidos continuam a devorar-me e o mesmo conhecimento das escrituras parece outro véu ainda mais grosso que não me serve para rasgar o véu da ignorância.

Por isso, estou cercado de ignorância e confusão.

Peço-lhe, Senhor, que me diga o que é conveniente fazer neste momento.

O sábio Vasishtha, com pena do pobre Monki, disse:

A experiência, o pensamento, as condições mentais e a imaginação não fazem sentido e só servem para produzir distúrbios psicológicos. Todas as tristezas e infortúnios da vida criam raízes e desenvolvem-se na experiência sensível e no pensamento.



Este modo de vida, apelidado de **Samsára**, é retorcido e tortuoso para aquele que se deixa guiar pelos condicionamentos mentais e tendências latentes.

No entanto, ele desaparece para aquele que está desperto enquanto cessam os condicionamentos mentais.

A única coisa que há no pensamento é a consciência pura, como a única coisa que existe no espaço é o vazio. O que conhecemos como o sujeito que experiência a ação não é nada mais do que

consciência pura, apesar de quando o sentimos como sujeito se expande com a forma deste mundo objetivo.

O que surge na ausência da atenção desaparece completamente quando voltamos sobre ele a luz da atenção. Este espectador fictício, que é apenas um reflexo do verdadeiro ser, desvanece-se quando examinamos a sua verdadeira natureza.

A divisão sujeito-objeto, criada pela percepção, cessa no preciso momento em que se vê a indivisibilidade da consciência. Os vasos não existem independentemente do barro, pois são apenas modificações do mesmo.

Os objetos percebidos são feitos de consciência e como objetos de consciência, não são diferentes da própria consciência.

O que se conhece com o entendimento não é diferente do próprio conhecer, o que não se conhece é simplesmente desconhecido. A consciência é o fator comum do sujeito, o objeto e o ato de conhecer. Portanto, não há outra coisa que esse conhecer que é consciência. Se algo mais existisse, não poderia ser conhecida, pois seria algo completamente diferente do próprio conhecer.

Portanto, até a madeira e a pedra têm a mesma natureza que a consciência, caso contrário, não poderiam ser percebidas. Tudo o que há neste mundo é consciência.

Embora os objetos pareçam diferentes entre si, eles não são diferentes em absoluto desde o ponto de vista do espectador, que é o mesmo que os contempla a todos eles, e esse espectador é apenas consciência.

O ego individual que contempla a diversidade objetiva é o criador dessa diversidade.

O ego é a corrente que nos escraviza e a sua cessação é a libertação. Assim tão simples. Onde está a dificuldade que nos impede de compreendê-la?



A divisão objetiva surgiu tal como aparecem duas luas nos olhos de quem sofre de diplopia e, portanto, parece inapropriado afirmar que duas luas apareceram.

A consciência e a matéria inerte não admitem nenhuma relação. Nem a consciência pode transformar-se em algo inconsciente, nem a matéria pode converter-se em consciência.

Só existe consciência, apesar de algumas vezes se pense que é inerte da mesma forma que uma rocha que rola do topo de uma montanha, fica inerte aos seus próprios pés.

Quando se cai nesta ilusão da objetividade é-se aprisionado por muitas outras ilusões que surgem dessa ilusão original, como nasce uma multitude insetos após a chuva. A mente é como um bosque na primavera, tão espessa com ideias e conceitos que a claridade não consegue atravessar a folhagem. Devido a esta limitação da ignorância, as pessoas experimentam muitos prazeres e pesos neste mundo.

A lua e o sábio irradiam alegria. São pacíficos, frios e silenciosos, cheios de néctar da imortalidade que nos impede de os ver como o resto dos mortais.

Ninguém, desde o criador **Brahma** até ao menor dos insetos pode alcançar a paz suprema sem adquirir o controlo perfeito da sua mente. Pela própria investigação da natureza da escravatura, essa deixa de nos escravizar, porque para aquele se dá ao trabalho de analisar cuidadosamente os obstáculos do caminho, estes desaparecem completamente. Os fantasmas não assustam aquele que está atento e desperto.

Quando fechamos os olhos, a visão das coisas externas é apagada. Se eliminarmos da nossa consciência a ideia do mundo só existe a consciência pura. Inclusive neste momento não há nada além de consciência, o mundo que vemos diante de nós não é nada mais do que uma aparência irreal nascida de uma agitação impercetível dessa consciência. Isto é o que parece ser a criação da mente cósmica que

alimenta a ideia de tal criação, apesar de carecer das substâncias materiais necessárias para construir verdadeiramente um mundo material. O mundo é apenas um quadro pintado sobre a tela de Brahman, sem cores e sem pincéis. Como podemos dizer que este mundo foi realmente criado? Por quem, onde, como, quando poderia ter sido?

A ideia “Sou feliz” provoca a experiência da felicidade e a ideia “Sou miserável”, a correspondente experiência da miséria, mas ambas as ideias não são outra coisa que consciência pura, e por isso essas experiências são tão falsas como as ideias que as provocam. Uma vez que o ser ou consciência infinita é incondicionado e ilimitado, não sofre qualquer agitação ou movimento. No ser não há desejos, nem apegos e, portanto, não pode sofrer qualquer inquietude. O apego é a escravatura, o não apego é a libertação. Aquele que permanece no que indicamos com o termo Todo, Infinito ou Absoluto, não deseja nada. Se o corpo físico é tão irreal como aquele que vemos num sonho, o que pode o sábio desejar para agradá-lo?

No estado desperto e iluminado, o sábio alcança o ser e todos os seus desejos são imediatamente satisfeitos. Ao ouvir as palavras de Vasishta, Monki entrou em profunda contemplação e abandonou a sua ilusão. A partir daí viveu a realizar ações espontâneas e inevitáveis (**pravāhapatitam kāryam**).

No ser há unidade e diversidade, mas não como opostas uma à outra. Como podemos dizer que há diversidade no ser? O ser é o único que existe, subtil e omnipresente como o próprio espaço. Não é dividido pelo nascimento e morte dos corpos. O sujeito-espectador, o objeto-visto e o ato de vê-lo não passam de modificações mentais. O ser não está dividido em sujeito e objeto e, portanto, está para além de toda a contemplação (**dhyāna**). Tudo o que há é o indivisível **Brahmán** e não todas essas coisas que parecem constituir o mundo. Como pode aparecer esta ilusão? A percepção errada do mundo foi clareada por esta instrução que te dei, agora não há razão para sofreres qualquer escravatura. Tanto na prosperidade como na adversidade, sê livre e vive sem desejos nem ego de qualquer tipo.



Flor de Lotus.

# *Yamakavagga: Os Pares*

*Por Isabel Areias*

## **Comentário ao Capítulo I do Dhammapada**

O clássico “Dhammapa” dá início com a conceção da mente como a criadora de estados mentais, ou seja, de pensamentos, sendo esta uma ideia tão antiga como a própria Humanidade. Se consultarmos as principais obras da antiguidade ou se recorrermos às conhecidas Leis Herméticas, sobre a qual emana a sua primeira premissa, “Tudo é mente.”

Antes do Ser Humano elaborar um estado mental, este é forjado pela mente construída sob alicerces

que o próprio edifica ao longo da vida. Por esse motivo, a conceção de ética surge acompanhada de todo o princípio evolutivo interno, pois sem ela a mente corre o risco de se conectar com elementos prejudiciais à criação de estados mentais mais elevados, puros ou dignos. Quando concebemos a fonte da desarmonia interna, como sendo os estados emocionais, estamos longe de conhecer a verdadeira fonte sob a qual emana a nossa vida interior. Conceber essa mesma fonte como os



estados mentais pode revelar uma aproximação à fonte, mas mesmo assim não é a fonte em si.

Quando o Ser Humano entende que a fonte é a mente, alcança, então, o princípio conector com o mundo inteligível e superior. Por esse motivo,

*“A mente antecede todos os estados mentais. A mente é o seu criador, pois são todos forjados pela mente. Se o Ser Humano fala ou age com uma mente impura, o sofrimento segue-a como a roda que segue o pé do boi”, mas “se uma pessoa fala ou age com uma mente pura, a felicidade segue-a como uma sombra que jamais a abandona”.*

O livro “A Voz do Silêncio” também refere que a “a mente é a grande destruidora do real”, quando abriga, em si mesma, pensamentos derivados da descida da mente ao estado de Mara – a grande ilusão que retira o Ser Humano do seu estado de pureza.

Para a Filosofia Oriental, o mundo real acessa-se por um estado de consciência denominado, também por Platão, como Arquetípico, ou seja, Bom e Belo na sua plenitude. Uma mente conectada a este estado compreende que “O ódio é apaziguado unicamente através do não-ódio. Esta é uma lei eterna.”

A desarmonia emocional, principal raiz do sofrimento humano, tem como ponto inicial a não conexão da mente a níveis superiores de consciência, unindo-se desta forma à vida ilusória na qual o Ser Humano inevitavelmente habita. Dominado pela “busca de prazeres, descontrolado nos seus sentidos, imoderado no comer, indolente e disperso” o Ser Humano cede ante a tempestade, pois o “depravado, destituído de auto-domínio e veracidade, ao vestir o hábito amarelo do monge, certamente não é digno dele.” Nesta sequência, a união da mente com a essência mais pura da existência habita naquele que “vive a meditar sobre o que é impuro, que tem controlo nos seus sentidos, moderado no comer, cheio de fé e esforço sincero.” Tão belas palavras, cuja simplicidade confunde aquele cuja mente se fixa nos próprios objetos da percepção.

Para o despertar de uma mente verdadeira e pura, torna-se fundamental a percepção daquilo que é essencial através de uma meditação profunda. Não se alcança um estado superior da mente, sem a criação de um pensamento que procure a raiz das causas dos acontecimentos. Esta procura do mistério da vida em nós, naquilo que nos rodeia e que tantas Escolas de Mistérios procuravam transmitir, nos seus adeptos iniciados, está na base da grandeza da nossa própria alma. Desta forma:

*“Aqueles que conhecem o essencial como sendo essencial e aquilo que não é essencial como não essencial, nutrindo pensamentos correctos, chegarão ao essencial.”*

Com a captação daquilo que é essencial, proveniente desta meditação profunda, o Ser Humano consegue iniciar a sua atitude de vigilância e conexão entre a mente e os níveis superiores. Perante a criação de um qualquer estado mental inferior, deve o vigilante encontrar a raiz na sua mente, saindo da esfera do sentimento e do pensamento, pois o problema reside na fonte que é a mente. “Assim como a chuva penetra na casa mal coberta de colmo, também a paixão penetra numa mente pouco vigiada.”

A distração, proveniente da descida da mente ao mundo das ilusões e das paixões, está na raiz da perda da vigilância. Por esse motivo, muitas civilizações retratam esta postura com grande nobreza, na medida em que o vigilante é aquele que garante a sua própria coerência e dignidade no ato de verificar continuamente a elevação da sua mente. Ante esta ausência de posto, surge a dor do arrependimento e da lamentação, cujas consequências encontramos no despertar da consciência e no retomar da vigilância perdida com a sabedoria e a coragem fortalecidas. “Aquele que faz o mal sofre no presente e no futuro, sofre em ambos os mundos. Lembrando-se dos seus atos impuros, ele lamenta e fica aflito”, mas “aquele que faz o bem, alegra-se no presente e no futuro, alegra-se em ambos os mundos. Relembrando as suas ações puras, ele se alegra-se e exulta.”

Os pensamentos “eu fiz mal” ou “eu fiz bem” geram consequentemente aflição ou felicidade no Ser

Humano. O primeiro manifesta-se nas emoções turvas, confusas, dolorosas em que raiz é a perda da vigilância da mente, o segundo encaminha o Ser Humano para o renascimento nos reinos da felicidade.

De uma forma sábia e subtil, *Yamakavagga*: Os Pares, ensina a nobre verdade da dualidade. Do caminho puro versus caminho impuro e da visão do real, da sabedoria e da liberdade, em oposição à ilusão, ao ódio e à luxúria. Ensina que a reação emocional e mental, que temos ante a vida e ante as circunstâncias tem a sua raiz na mente, na qual

o acesso de reconexão passa necessariamente pela meditação disciplinada e vigilante. Caso contrário, ante uma pequena distração, os pingos da chuva, por mais finos que sejam, entram silenciosamente na casa de quem se ausenta do seu posto de vigia interior.

Por pouco que recite os textos sagrados, se o homem colocar o Ensino em prática, abandonando a luxúria, o ódio e a ilusão, com verdadeira sabedoria e espírito livre, apegado a nada deste ou de qualquer outro mundo - ele realmente participa das bênçãos de uma vida santa.



Budha, Amsterdam Museum. Pixabay





Templo Bangkok. Pxfuel

# *Appamadavaggo dutiyo:* **A Vigilância**

*Por José Ramos*

**Comentário ao Capítulo I do Dhammapada**

O segundo capítulo do Dhammapada é dedicado à Vigilância, *Appamadavaggo dutiyo* (*Appamada* = a não-negligência, o cuidado, zelo ou vigilância; *vaggo* = capítulo; *dutiyo* = segundo). Esta é a qualidade essencial no Caminho do progresso interior.

Uma das representações mais icônicas de Buda são os seus pés, em que sobre cada uma das palmas emerge uma flor de lótus, significando o caminho e o seu progresso, desabrochando uma nova consciência em cada passo dado, pois cada passo é um avanço no caminho do aperfeiçoamento.

Por que razão cada um dos seus passos representa a felicidade do desabrochar do lótus e os nossos são,

na sua maioria, tropeções em pedras com dores e sofrimentos? Porque no sábio reside a Vigilância e na nossa ignorância a negligência.

Este capítulo é assim dedicado ao desenvolvimento da qualidade discipular de se resguardar dos perigos, não só externos, mas muito especialmente internos e de saber cuidar de cada pérola que vai juntando ao seu colar de conquistas da alma.

Este capítulo é composto de 12 versos (do 21 ao 32), tendo aqui realizado a difícil tarefa de selecionar apenas alguns deles para nos aproximarmos deste ensinamento de Buda, mas que de forma alguma deve dispensar a leitura dos restantes versos.

[21]

*“A vigilância é o caminho para a imortalidade; a não vigilância é o caminho para a morte; o vigilante não morre, o não-vigilante, embora vivo, é como se estivesse morto.”*

A vigilância é o princípio da vida, sempre que ela se retira surge a ameaça da morte, sendo isso válido nos planos físico, psíquico e mental. Se o corpo em algum momento negligenciasse a vigilância, toda uma série de microrganismos colocariam em perigo a sua saúde e existência; passa-se o mesmo com a nossa alma e as suas componentes emocionais e mentais, pois no momento de quebra de vigilância, entra em nós uma emoção ou pensamento indesejável, que como um vírus vai proliferando, tomando posse dos nossos melhores pensamentos e emoções, corrompendo-os, destruindo-os e sem nos darmos conta, aquele lado melhor de nós morre e fica um campo de batalha repleto de cadáveres dos nossos mais nobres guerreiros, dos nossos mais nobres ideais, vagando-se na vida como fantasmas perdidos, como sombras geradas da ausência da luz que desapareceu da nossa alma.

Enquanto Vigilantes permanecemos vivos, pois de todos os combates, todas as batalhas, sejam com derrotas ou vitórias, sempre saímos vivos, mais fortes e luminosos, uma vez que a vigilância nos permitiu aprender, recolher experiência, reconhecer quais e onde se ocultam os nossos inimigos internos, assim como as forças que devemos cuidar e as fragilidades que temos que fortalecer.

[22]

*“Conhecendo esta excelente característica da vigilância, o sábio delicia-se na vigilância, alegrando-se como “aqueles que são nobre”*

O sábio delicia-se na vigilância tal como o guerreiro se delicia no seu posto de vigia, pois para ambos, a alegria está no cuidar do seu tesouro de valores, de impedir que aquilo que é precioso se possa perder, pois nunca podemos dar por adquirido o conquistado. Buda dizia que o mais difícil não é conquistar, mas sim manter. É no cuidado de cada valor, de cada qualidade e virtude que as

integramos em nós, tal como uma semente que podemos possuir na nossa mão nunca germinará, nem se tornará árvore e não dará frutos se não a colocarmos na terra, a cuidarmos, a vigiarmos e protegermos de todas as possíveis pragas daninhas. A maior alegria de um agricultor é cuidar e ver crescer as suas plantações, pois conseguiu com a sua vigilância vencer intempéries e pragas. A maior alegria de um sábio é fazer crescer a sabedoria em si e dar frutos à sua volta, graças a ter sido vigilante e não ter permitido que definhasse.

[25]

*“Através da diligência, da vigilância, do autodomínio e do controlo dos sentidos, o sábio aspirante faz uma ilha para si próprio que nenhuma cheia pode inundar.”*

A vigilância, junto com o autodomínio e diligência permite-nos manter uma vigorosa fortaleza interior, um profundo enraizamento que possibilita resistir às investidas circunstanciais da vida que nos podem arrancar dos nossos propósitos e determinações. Quando temos a finalidade e o propósito de vida claros em nós, então pomo-nos ao caminho como peregrinos da vida sem nunca saber que circunstâncias vamos encontrar, e que pode ser um caminho obstruído que nos obriga a encontrar alternativa, uma tempestade, bolhas nos pés,... tantas são as possibilidades.

Mas nenhuma delas irá demover o peregrino de chegar até ao seu lugar sagrado, pois a vigilância lhe permitirá estar atento aos perigos assim como às oportunidades; o seu autodomínio permitirá que a voz interior fale mais alto que os queixumes do corpo e o controle dos sentidos impedirá a distração da sensualidade do mundo.

Se fossemos almas peregrinas, seriam pois estas as nossas determinações, tal como o são para os sábios que não vacilam por muito que as forças centrífugas se agitem procurando demovê-los do seu Centro. Nós somos mais parecidos com almas vagabundas, que não têm metas claras e por isso não sabemos tão pouco o que vigiar e para quê. Desta forma, qualquer circunstância adversa faz-nos mudar de



direção, distrai-nos qualquer gafanhoto saltitante que nos arrasta para algum atalho, faz-nos desistir de qualquer dificuldade ou qualquer lamuria não satisfeita dos prazeres do nosso corpo. Qualquer apelo dos sentidos vai marcando a mudança de caminhos enredados num labirinto sem centro.

[27]

*“Não sejais complacentes com a negligência; não sejais benevolentes com os prazeres sensuais, porque o vigilante e pensativo aspirante adquire imensa felicidade.”*

Talvez o nosso maior problema não seja a negligência e os prazeres sensuais, mas sim a nossa complacência para com eles, utilizando a expressão sempre fácil do “eu sou assim...” e desse modo fica justificado, quando não arranjamos toda uma série de outras justificações elaboradas que conseguem transformar as nossas fraquezas em “virtudes”. Os sábios sempre nos indicaram que devemos dar nome aos nossos defeitos e fraquezas para que desse modo as possamos reconhecer e transmutar.

Pensarmos que negligenciar e simplesmente aceitar as debilidades nos trará a alegria de não termos o trabalho de agir sobre elas, é esse o caminho da infelicidade, pois serão as pedras sobre as quais

iremos tropeçar sempre no caminho porque não as queremos ver. Por outro lado a vigilância sobre elas permite-nos removê-las do caminho, se possível, ou pelo menos permite-nos vê-las e não tropeçarmos e magoarmo-nos. Por isso diz este verso que tais qualidades permitem adquirir uma verdadeira felicidade.

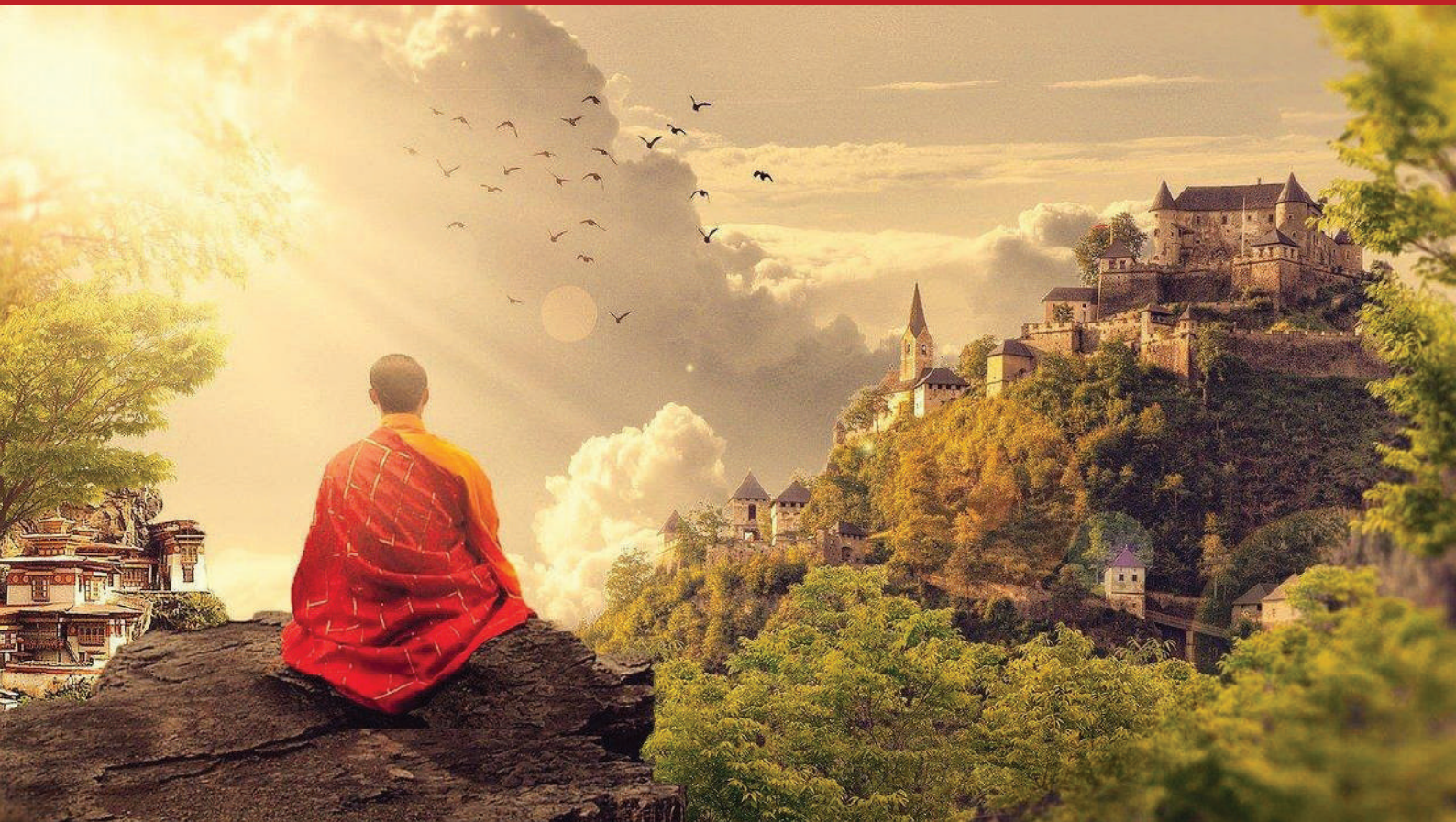
[29]

*“Vigilante entre os descuidados, desperto entre os adormecidos, o homem sábio vai em frente, e como um corcel rápido ultrapassa um cavalo de menos força”*

Enquanto nós somos descuidados, deixando o mal instalar-se e o bem passar-nos ao lado, o sábio é vigilante e nem o mal penetra nele nem despreza o bem. Enquanto nós estamos de consciência adormecida na vida, a maior parte do tempo, e a vida passa por nós como se toda a existência se resumisse apenas num breve instante de vivência, o sábio encontra-se desperto e a vida dilata-se como se cada segundo da vida comportasse a eternidade. Essa é toda a diferença entre a nossa vida e a de um sábio. Enquanto a nossa jornada é lenta, girando sem sairmos do mesmo sítio, a jornada do sábio é veloz porque conhece a direção e não a perde nunca de vista sabendo fazer de cada passo, pela sua vigilância, um avanço firme e seguro.



Imagens de Budha. Pxfuel



Guerreiro Japonês. Domínio Público

# Cittavagga: A Mente

Por Ricardo Martins

## Comentário ao Capítulo III do Dhammapada

No Capítulo sobre a Mente (Cittavagga), Buda a compara logo no primeiro verso com a “haste de uma flecha” que, sendo “difícil de dominar”, “volúvel e instável” como as águas de um rio, tem de ser endireitada pelo “homem firme”. Todo o capítulo procura demonstrar que a mente mal dirigida, que é o seu estado habitual, é produtora do mal e, consequentemente, da infelicidade. Como tal, cabe ao seu possuidor dirigi-la, por muito instável que ela seja, produzindo assim o bem e, consequentemente, a sua própria felicidade.

O Homem é aquele que, pela sua circunstância mundana, utiliza as suas duas mãos – a dualidade

com a qual é capaz de entender e trabalhar no mundo – para dirigir e controlar o arco, que é o símbolo da tensão brutal que existe entre o que está em cima e o que está em baixo. Este arco que, em algum momento da história humana foi lançado do céu à terra, é aquilo que nos lembra do caminho e do qual só somos capazes de compreender a sua misteriosa curvatura. Este arco, que quase se tornaria uma trave vertical, não fosse o fio que o mantém assim em dolorosa tensão, subentende a base tencionada da qual lançamos uma mente humana em busca de ideais divinos.





Guerreiro Japonês. Domínio Público

É um objecto sagrado que pode lançar flechas como quem lança notas musicais, pode salvar, pode matar e pode tornar-se inútil, se deixarmos de saber trabalhar com ele. A mente, que assim se lança, por sua vez, depois de catapultada do insaciável mundo dos desejos (pois é do desejo que nasce o querer conhecer de uma mente eternamente insaciável), é a flecha instável que colocamos no centro deste aparelho. Com ela tensionamos o arco ainda mais; com ela aproximamos o céu e a terra; com ela quase que cedemos à tentação de querer pôr toda a unidade à prova, ou matar já qualquer expressão da mesma. Com ela assim preparada a disparar, por meio de uma forma de Fé que é sempre corajosa na sua essência – ou não lhe poderíamos chamar Fé – que nos arranca de uma ideia para outra, que nos faz perceber e querer atingir o alvo, tocar o céu ou repetir a queda. Em suma, fazer o melhor uso possível da dualidade que Deus nos deu, produtora da maior das instabilidades: a mental.

O disparo da mente, que quisemos comparar a uma certa forma de Fé é, decididamente, um acto corajoso perpetrado pelo menos corajoso dos guerreiros: o arqueiro. Este é aquele que ainda não tem

experiência no combate e que é jovem; é aquele que faz tudo à distância, por medo e por incapacidade; é aquele que pode causar as mortes menos dignas. Uma representação da nossa inteligência, ainda em trabalho de parto, e da nossa mente há pouco tempo chegada à infância. Mas como a nossa mente não pode tocar nem o espírito nem a matéria, sem que se anule no processo, tem de lançar-se de longe, com toda a cautela, procurando alcançá-los por meio de um disparo bem dirigido, que depende mais da Fé do que da Esperança.



Budhas, Tailândia. Pikist

Todos nós temos de começar no lugar onde estamos e todos somos o lugar de onde partimos. Se a flecha vem da aljava de um arqueiro, temos de contar com as suas condicionantes e não esperar outras. Mas, antes um arqueiro inexperiente do que arqueiro nenhum, antes um idealista inexperiente do que ideia nenhuma, antes fé do que medo do escuro, antes uma mente que procura nas trevas o alvo e o ponto de convergência de todas as coisas do que uma mente iluminada pela variedade e contradição das quatro paredes da personalidade.

A mente é difícil de dominar, sobretudo num mundo tão polarizado, mas a firmeza e a experiência do Homem fazem-na falhar cada vez menos e encontrar, entre todas as coisas, um caminho certo. É que a nossa origem divina e vertical puxa-nos com a mesma força e brutalidade com que nos puxa a nossa circunstância terrena e horizontal. Não devemos menosprezar uma em nome da outra, nem querer separar aquilo que assim as mantém unidas.

É o fio tenso que as une e que nos permite fazer um uso recto da mente, que nos permite trabalhar na dualidade em busca da unidade e unir tudo aquilo que foi separado. Este fio é a união que vigiamos por toda a vida, aquela que nos salva e tranquiliza, e que só se deverá quebrar na hora da morte, quando não precisarmos mais desta mente pessoal. Se este fio se romper ou se este arco se quebrar, seremos o arqueiro impotente a quem a foice do tempo decretou um fim, incapaz de agir onde e por quem quer que seja, com aparência de vida seremos um cadáver abandonado pelo espírito, sem mente e sem razão.

Assim sendo, o que nos diz Buda é que a nossa mente deve ser rectificadora, dirigida e acalmada, como que sustendo a respiração antes do disparo, apesar de todas as dualidades e de todos os ventos. Esta deve ter uma origem bem manejada e ser lançada com todo o vigor ao alvo, pois é da dualidade do arco, harmonizada pelo fio, que a flecha parte, mas é na unidade do alvo que encontra a sua finalidade,

onde poderá ser ponto de circunferência, ou seja, regressar misteriosamente à sua essência.

Depois de comparar a mente com uma flecha instável, dizendo-nos que esta deve ser tranquilizada e bem dirigida, isto é, usada de forma consciente e firme, Buda passa a compará-la com “*um peixe retirado da água*” para o exterior, que “*salta e estrebucha*” e que por este motivo “*se deve abandonar o reino de Mara*”, da ilusão, da morte e do mal mentais. Isto porque a mente está identificada com este reino, está habituada a nadar nas águas circulares da vida, a seguir as suas correntes sensoriais e a procurar o seu alimento dentro delas, iludida e vagueando na única rotina que conhece, como se dormitasse ou estivesse morta, não aceitando, por isto, que a tentemos dirigir ou estabilizar. A mente deve, por muito que ame a felicidade e tranquilidade mundanas das águas horizontais, e por muito que se revolte contra aquilo que é a nossa Vontade, ser arrancada (pescada) destas águas.



Batalha de Budha com Mara. Creative Commons



Isto também nos diz que, embora o trabalho de firmar a mente resulte de um esforço individual, este não é solitário, pois podemos-nos puxar uns aos outros, ou seja, alguém pode “pescar-nos” durante a vida, salvar-nos com a sua experiência e bondade. A nossa mente não deve esperar que alguém a salve das águas do mundo, mas deve reconhecer todo aquele que, conscientemente ou não, a puxa para terra firme ao longo da vida. Ou, simplesmente, diz-nos que a mente é retirada da água por algo que lhe é superior, pela nossa Inteligência ou Vontade. Mas como isto é retirar a mente da sua natureza material, ela, ao sair da sua circunstância e dos seus dogmas amados, como o peixe que sai da água, agita-se numa ânsia de regressar ao que já conhece ou procura, com dificuldade, adaptar-se a este novo meio, pois não sabe ainda como se movimentar fora do mundo das ideias que conhece, sem estar limitado e condicionado pelas correntes da vida e da morte, pela ciclicidade e pelo pensamento redondo e repetitivo das águas.

O disparo de uma flecha é semelhante, até certo ponto, ao disparo de um peixe, assim como o arco que ambos desenham ao saírem do seu primeiro elemento em direção ao segundo. No caso da flecha, esta deve atingir o alvo, no caso do peixe ele deve atingir terra firme e permanecer calmo. O peixe que salta fora de água em busca de uma verdade mais elevada procura, na realidade, terra firme, tal como faz a mente, que se lança para fora destas águas quotidianas na esperança de “tocar” alguma realidade firme, mas ao tocá-la, ao percebê-la, vê-se obrigada a adaptar-se a este novo meio e a deixar de desejar aquele no qual se encontrava segura. Tanto o embate da flecha no alvo, como o encontro da terra fora de água, constituem para um peixe ações violentas, símbolos de conflitos internos, sempre necessários, que revelam de uma ou outra forma os movimentos da mente em busca de ideias elevadas, lançando-se a um alvo pretendido ou a uma terra firme que pressente. Tanto um símbolo quanto o outro nos levam invariavelmente à ideia de estabilização e de finalidade.

Perante este estrebuchar da mente, aproveitando o eco da metáfora do peixe, diz-nos Buda nos

dois versos seguintes que, na realidade, é bom controlar assim a mente, que a felicidade vem de uma mente dominada e vigiada, por muito que ela estrebuche, pois ela é “*difícil de subjugar*”, “*difícil de detetar*”, “*veloz*” e “*subtil*”, como um peixe deixado no seu ambiente natural ou como uma flecha que abandona o seu arco. A flecha ou o peixe podem ser “disparados” como a mente em todas as direções do espaço, ampliando a sua esfera de ação, mas o que aqui se diz é que a mente deve tomar uma direção e uma finalidade, em vez de ser deixada a vaguear, e que daqui advém a felicidade.



Museu Reitberg, Pikist

Não vemos nem controlamos a mente enquanto não a arrancamos daquilo que ela conhece e dos locais que se habituou a habitar, enquanto não a dirigirmos. Mas se a conseguirmos ver e controlar, levamo-la aonde queremos e experimentamos alguma forma de felicidade. O peixe que deixamos de ver debaixo das águas, por pena ou chantagem, o temos deixado regressar da terra firme ao rio, e a flecha que se perde, ou ainda que nos atinge, por não ter sido detectada, causam-nos repetidamente a perda ou a dor, como tal, a infelicidade. Por outro lado, diz-nos Buda que a mente “*sem forma*” deambula longe e sozinha, mergulhada nos seus próprios pensamentos, tecendo pensamentos solitários, um de cada vez, incapaz de os congregar e incapaz de os abandonar, no fundo, incapaz de lhes dar uma forma ou propósito definitivos. Ela permanece “*na gruta (do coração)*”, nas águas obscuras, talvez no meio das sombras dos desejos e das paixões, aos quais sempre regressa e aos quais responde.

Só quando controlar-mos esta mente, diz-nos Buda, é que nos libertaremos da morte e da ilusão. Esta mente sem forma, que não pode (ou não deve) ser limitada pela nossa própria forma, tem um comportamento narcisista, é a causadora de todos os sofrimentos humanos, pois está voltada para dentro, onde encontra a solidão, a tristeza e a sua própria pequenez. Se, por outro lado, a mente voltar para fora de si mesma, encontrará o outro, encontrará sempre algo maior, encontrará Deus, tornar-se-á humilde e encontrará a sua finalidade passando a ser altruísta na sua expansão em vez de egoísta na sua contracção. Mas é necessária muita determinação interior para levar a mente a largar as pequenas ideias horizontais e a abraçar os Ideais verticais.

De facto, *“a sabedoria nunca será perfeita na mente sem determinação”*, nessa que deambula longe e sozinha, voltada sobre si mesma, como um peixe inconsciente, aparentemente desprovido de memória e inconsciente dos perigos que poderia evitar. Nem a sabedoria será perfeita naquele que *“não conhece o Bom Ensino e cuja fé oscila”*, pois o bom ensino é sempre dirigido, unificado, vertical e convergente, está fora da circularidade das águas, da alteração das marés e das correntes, das quais a mente tem de sair através de uma investigação zenital e a fé é aquilo que a faz sair destas águas, que mantém o arco tensionado, é a devoção corajosa que impulsiona a mente em direção, não ao que vê, mas ao que desesperadamente procura.

A sabedoria que aqui se refere só é possível de alcançar, ou tornar-se perfeita, quando a mente se põs ao serviço de algo que a transcenda, ou seja, quando a mente está determinada e bem dirigida ao alvo, levada pela investigação e pela fé. Aqui desaparece o mal, a infelicidade e, sobretudo o medo que resiste e que nos paralisa. Pois *“não existe medo”* do desconhecido nem dúvida para *“aquele que despertou, cuja mente não está embriagada (pela luxúria) nem aflita (pelo ódio)”*, para aquele que superou o *“mérito”* e o *“demérito”*, ou seja, para aquele que superou a dualidade do arco, a ilusão das águas e o narcisismo da gruta.



Monge Budista. Pixabay

O medo que produz a instabilidade da mente e a sua contração interior não pode existir no seu despertar, pois foi corajosamente dada à luz e amavelmente posta em movimento sobre a superfície das águas. Chegados a este ponto, é-nos dito que aquilo que a mente deve, assim desperta, fazer é procurar compreender a forma mayavica que habita, a condição *“frágil como um vaso de barro”* do seu corpo, e tratar de fortalecer *“esta mente como uma cidade bem fortificada”*, para que não seja vítima dos ventos emocionais e temporais sobre os quais gravita. Ao compreendermos a natureza temporal e transitória do nosso corpo e da nossa personalidade, que se estilhaça sempre perante o vento do espírito, usando a mente como uma fortaleza, podemos fazer uso da *“espada da sabedoria”*, para nos libertarmos da ilusão e da morte.

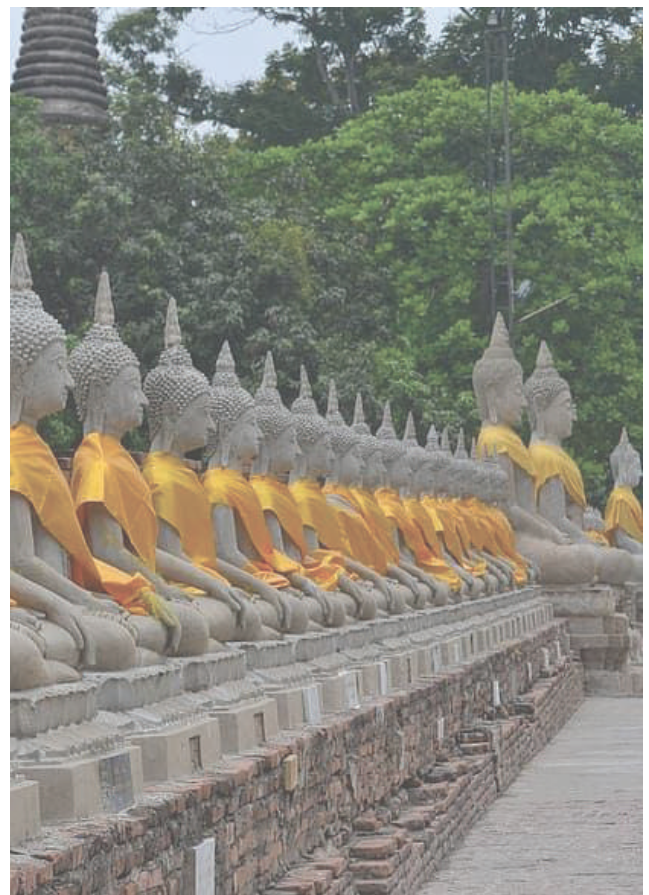
No entanto, diz-nos Buda que nenhuma conquista assim realizada deve gerar novo apego, pois existe uma misteriosa atração do espírito pela matéria, da mente pelo seu reflexo e torna-se difícil manter a mente desapegada, para que se continue a libertar o mais possível do peso do quotidiano e da personalidade. A mente firme que se desapega não deve trocar, portanto, uma morte por outra, uma ilusão por outra, um mal por outro. Ou seja: devemos ter alguma cautela no ato de identificarmos uma *“máscara”* transitória e de a vencermos, para que não chamemos essência à *“máscara”* seguinte. Devemos ceder à tentação de nos apegarmos à nova *“personalidade”* que surge detrás desta primeira. É o mesmo com a investigação da verdade, vamos largando uma verdade para alcançarmos outra



maior, sem nos apegarmos a nenhuma, salvo para tomarmos balanço e mantermos o equilíbrio, da mesma forma que um pé se sustém num degrau para subir a outro, sempre comprometidos com a subida e não com o degrau.

Em todo o caso, o que Buda nos pede é que deixemos de nos identificar mentalmente com o corpo: *“Cautela! Em breve este corpo se deitará sobre a terra, ignorado e sem vida, como um tronco inútil”*, portanto, não façamos depender a nossa fortaleza dele, nem daquilo que depende dele, mas sim daquilo que é duradouro e verdadeiro. No entanto, esta fortaleza mental e esta espada da sabedoria

que podemos usar num “combate” interno, onde a mente vence a ilusão, age especialmente sobre si mesma mais do que sobre os outros. Isto é: esta mente serve para nos lançarmos ao outro, para o conhecermos e compreendermos, mas não serve, ou não deverá servir, para atacar outra coisa que não a nós mesmos. Alerta-nos Buda que *“uma mente mal dirigida inflige a si mesma um dano ainda maior”* do que aquela que se pode gerar entre dois inimigos. Dizendo-nos também que, por outro lado, *“ninguém pode fazer um bem maior do que cada um a si próprio, com a sua mente bem orientada”*. Assim sendo, a mente pode ser ou a nossa melhor aliada ou a nossa pior inimiga.





Pixabay

# Reencarnação e Concepções Budistas: Então, o que Reencarna?

*Por Juan Martín Carpio*

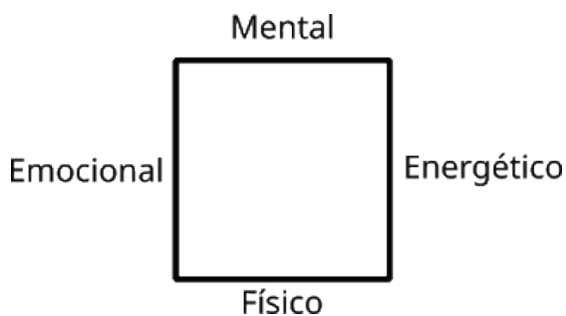
Publicado na revista Seraphis de 26 de maio de 2020

Voltemos então à pergunta: O que é que reencarna? Basicamente, algum tipo de ser, de existência. Mas logicamente para o nosso propósito **vamos apenas levar em conta um ser que possui “consciência”** dele, porque um pedregulho atirado e quebrado em pedaços e voltado a colar não creio que possa

ser considerado uma reencarnação. Portanto, reduzindo ao básico, o que reencarna é uma “consciência”, ou seja, **um núcleo do ser que entra em contato com o plano denso e que começa a exercer a sua função nesse plano: “cum scire”** ou seja tomar consciência interagindo com esse plano.



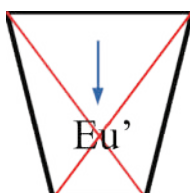
No entanto, a doutrina budista comum insiste que esta consciência não existe por si mesma, mas que é dependente da sua interação com outros componentes. A existência de um Eu estável e independente seria algo até a não considerar.



Vamos dar um exemplo, imaginemos um ser humano qualquer, tradicionalmente poderíamos enumerar os seus constituintes como o físico, o corpo e as suas partes, o **energético e o funcional**, ou seja, todos os sistemas subtis que fornecem e distribuem a energia, a parte **emocional**, ou seja, todos os movimentos psicológicos relacionados com o afeto positivo ou negativo para algo e finalmente o **mental**, com todos as suas estruturas e ideias elaboradas.

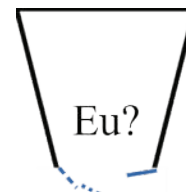


Imaginemos estas 4 partes constituindo um quadrado que resumiria toda a personalidade humana. O “Eu” pessoal seria o resultado coordenado e simétrico de todos estes componentes. Mas seria um “eu dependente”: imaginemos que esta pessoa sofre um acidente e como resultado o seu corpo físico fica diminuído, fica paralisado ou qualquer outra condição que diminua e limite as suas possibilidades físicas. A nova situação seria a seguinte:



Como podemos ver, o “eu” central e dependente varia a sua posição, o centro deslocou-se para o lado físico, a partir desse momento a psicologia dessa pessoa não é a mesma, ela está cheia de dores e limitações físicas que fazem com que o seu eu grave até e desde o físico. É outra pessoa. Todos nós conhecemos aquela experiência na própria carne ou em pessoas que conhecemos, a personalidade muda, não é a mesma. Portanto, é um “eu ilusório”, não é real, é dependente.

Podemos imaginar todas as classes de combinações, todos as classes de eventos que podem diminuir um destes lados e deslocar o eu ilusório para um novo centro de gravidade. Podemos até imaginar que o quadrado se quebra definitivamente, geralmente por morte física. Onde está então esse eu? Ele necessariamente desaparece, será outra coisa, mas **esse eu dependente já não existe.**



A cada passo ao longo da vida, esses 4 componentes variam, crescem, diminuem, envelhecem e distorcem-se, além disso o mundo ao redor também atua e pressiona sobre estes componentes fazendo com que se comprimam e se deformem como um balão de água. Então, **se me imagino projetado no futuro, essa projeção é falsa**, porque o que vou ou não vou fazer, o que vou sentir ou não, o que vou pensar e até a minha própria maneira de ser e sentir será diferente.

*Assim, um homem possuído e curvado quer pela ilusão do Ser quer pelo ceticismo ... Não sabendo o que é digno de levar em consideração e o que é indigno de levar em consideração, considera o indigno e o não digno.*

*E imprudentemente faz as seguintes considerações: “Existi no passado? Ou não existi no passado? O que fui no passado? Como fui no passado? De qual estado para qual estado mudei no passado? Serei no futuro? Não serei no futuro? O que serei no futuro? Como estarei no futuro?”*

E o presente também o enche de dúvidas: “Sou? Ou não sou? O que sou? Como sou eu? Este ser, de onde veio? Para onde irá?”

E com tais considerações insensatas, cai num ou noutro dos Seis Pontos de Vista, que então se torna na sua convicção e crença firme: “Eu tenho um ego” ou “Não tenho ego”, ou “Com o ego eu percebo o ego”, ou “Com o que não é ego, percebo o ego”, ou “Com o ego percebo o que não é ego”.

Ou cai num dos seguintes pontos de vista: “Este é o meu ego, que pode pensar e sentir e que, ora aqui, ora ali, experimenta o fruto das boas e das más ações; este meu ego é permanente, estável, eterno, não sujeito a mudanças, e permanecerá eternamente o mesmo.”

Se realmente houvesse ali um ego, também haveria algo que pertenceria ao ego. Mas visto que, no entanto, na verdade e na realidade, nem o ego, nem nada pertencente ao Ego, pode ser encontrado, não será tolo dizer: “Este é o mundo, este sou eu, após a morte, serei permanente, persistente e eterno”?

Estas são apenas opiniões, uma floresta de opiniões, um teatro de fantoches de opiniões, uma agitação de opiniões, um emaranhado de opiniões; e preso nas cadeias de opiniões, o homem ignorante do mundo não estará livre do renascimento, decadência e morte, da aflição, dor, tristeza e desespero, ele não será libertado, quero dizer, do sofrimento.

Palavras do Buda

- Então, de acordo consigo, tanto a afirmação da existência de um eu, quanto a sua não existência, seriam ambas afirmações sem sentido. Porque existe um eu, mas este eu é transitório e temporário e, portanto, é inútil qualquer consideração que possamos fazer sobre ele. Então, como podemos falar de reencarnação e que “alguém” entra na roda dos renascimentos? Amigo, penso que continua dando voltas ao redor do mesmo sem me dar uma resposta definitiva.

-Tens razão em parte, porque quero que consideres tudo isto com ponderação



Roda da vida budista. Creative Commons

Link: <https://www.seraphis.es/2020/05/entonces-que-reencarna.html>





Os Tirthankaras. Domínio Público

# Os Santos *Tirthankaras*

*Por Juan Martín Carpio*

Publicado na Revista Seraphis em 29 de outubro de 2020

Segundo a tradição oriental, estes seres são aqueles que cruzaram o mais além. Estes são os seres a quem os jainistas prestam homenagem e admiração. O jainismo é uma religião com muitos pontos de contacto com o budismo, mas talvez muito mais antiga.

Admirados pelos seus valores éticos e a sua disciplina de vida formaram um grupo muito

especial de monjes que, apesar das dificuldades, mantém o princípio de não-violência, **ahimsa**, que tanto inspirou toda a Índia e importantes líderes como **Ghandi**. Outros princípios importantes são o de ser verdadeiros, não roubar, não possuir coisas e a castidade.

Não existe um único fundador desta religião, pois os ensinamentos e revelações de cada um dos



Tirthankaras ao longo do tempo indicam como chegar à libertação. Estes santos ascetas são os modelos a seguir, porque foram eles que cruzaram e abriram o “vau” (tirtha: vau; kara: fazer) ou também “o lugar sagrado da peregrinação”. Por outras palavras encontraram o caminho para se libertarem. Esses lugares sagrados ou tirthas, no caso dos Jainas, encontram-se principalmente em locais montanhosos.



Imagem de um Tirthankara. Flickr

O que podemos aproveitar deste ponto de vista, nós, ocidentais, filhos de outra cultura e época?

A primeira ideia subjacente é a responsabilidade pessoal. Nenhum ser vai realizar a nossa libertação, é um caminho pessoal, no qual cada um é ator, realizador e diretor do filme da sua própria vida.

A segunda ideia é a de “peregrinação”, ir ao lugar sagrado, ao vau onde se atravessa o rio ou se sobe a montanha. Os textos sagrados afirmam que peregrinar não é só uma questão dos pés, mas do coração e da mente, esta é a peregrinação do “manasa thirtas”, ou seja, sobre tudo a travessia ou superação dos elementos emocionais e mentais. Esses thirtas estão enumerados em muitos dos puranas e no Mahabarata e consistem em caridade, paciência, autocontrole e sabedoria.

Já não se faz uma verdadeira peregrinação, nem mesmo fisicamente aos locais sagrados, pois hoje são locais turísticos, o oposto ao recolhimento interior, porque o verdadeiro peregrino necessita percorrer dois caminhos ao mesmo tempo, o caminho externo e o caminho interno. E é nisso que consiste a magia da peregrinação, fazer com que a alma deixe de ser estrangeira neste mundo, sacralizando ambas as esferas: a interna e a externa, ou seja, a Unidade do Todo.

Hoje pode-se ser peregrino indo talvez para algum lugar próximo, com a única condição de recolhimento ou de uma intensa preparação interna que compense uma falta, no entanto, a distância não é o mais importante, mas o lugar sagrado interno para o qual se vai, porque na verdade já viajamos a mais de 40 km por segundo neste espaço infinito, não importa se vamos para a esquerda ou para a direita, o importante é que no caos mundano não se perca o caminho, facilmente confundido entre tantas palavras escritas e ouvidas na nossa mente.

Basta pensar com a pureza suficiente, determinação e clareza, porque o nosso caminhar de peregrino consiste em colocar os pés firmes em ideias válidas, uma após a outra que nos elevam à montanha da nossa mente ... E saberemos, mesmo sem mapa, que o caminho é o correto, porque mesmo que a vida continue a doer, esqueceremos o sofrimento enquanto caminhamos como os Tirthankaras.





Montanhas. Pixabay

<https://www.seraphis.es/2020/10/los-santos-tirthankaras.html#more>



Escultura de Surya o Deus do Sol e a Luz. Creative commons



# Jóias dos *Upanishads* (I): O *Brihadaranyaka Upanishad*

Selecionado da tradução em espanhol de John Arnau, em seu livro "*Upanishad: Correspondências ocultas*"

O Amanhecer é a cabeça do cavalo sagrado, o sol a sua vista, o vento o seu alento, o fogo elemental as suas fauces abertas. O ano é o seu corpo, o céu as suas costas, o ar o seu abdômen, a terra o seu ventre.

\*\*\*\*\*

Os deuses montaram o cavalo como um corcel.

\*\*\*\*\*

No princípio não era nada. A Morte compreendia tudo; a Morte e a fome, pois a fome é a Morte. A Morte gerou a mente e a mente concebeu este pensamento: "Que eu tenha um atman".

\*\*\*\*\*

A felicidade é a essência da água. Conhecê-la enche de felicidade. Esta é a verdade. A água é a oração.

\*\*\*\*\*

O mundo inteiro é o alimento para aquele que conhece a natureza voraz da Morte e dela se nutre.

\*\*\*\*\*

O Poder e a Luz são a verdadeira essência da vida.

\*\*\*\*\*

Um é o sacrifício e o outro o fogo do sacrifício, mas só há uma divindade, a Morte. Quem o sabe livra-se de voltar a morrer. A morte não o alcança e ele sume na sua essência, como um deus entre os deuses.

\*\*\*\*\*

A sensibilidade reside em torno do Espírito, que é consciente disso e a sustenta, guia e orienta.

\*\*\*\*\*

Do irreal leva-me ao real. Da escuridão leva-me à luz. Do reino da morte, à imortalidade.

\*\*\*\*\*

E o Sopro vital é por sua vez canto ritual (...) Tal é na verdade o canto sagrado. Quem conhece o íntimo do canto vive em comunhão com o resto dos seres. Pois o Sopro vital é Canto alto. Alto porque sustém o mundo em alto. E Canto porque mantém o ritmo vital.

\*\*\*\*\*

Quem conhece o canto sagrado não temerá perder o seu próprio mundo.

\*\*\*\*\*

O medo deve-se à existência do outro. Mas não era feliz sozinho, porque não podia, o Atman compartilhar a sua alegria. Quis companhia. E como era homem e mulher intimamente abraçados, dividiu-se em dois. E dessa divisão nasceram o homem e a mulher.

\*\*\*\*\*

Tudo neste mundo é alimento e quem o consome. O Soma é a comida e Agni o fogo que o consome.

\*\*\*\*\*

O atman é o caminho a seguir na peregrinação da vida, pois conhecendo-o conhece-se o mundo inteiro, assim como, seguindo o rasto das coisas se as encontra.

\*\*\*\*\*

O atman é o vínculo mais íntimo, mais querido que um filho, mais desejado que a riqueza, mais apetecido do que qualquer outra coisa. Quem disser que outra coisa lhe é mais apetecida perderá o que deseja, pois sem o atman nada se pode possuir. Por isso, deve-se cuidar

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

[illegible]





Templo de Papanatha em Pattadakal, Kamataka, Índia. Creative Commons

# Ciclos, *Yugas* ou Eras na Cosmogonia da Índia Antiga

*Por João Porto*

A Cosmologia Cíclica Conforme(CCC), de Roger Penrose, defende que o Universo passa por ciclos infinitos de expansão/regressão, terminando num mar de fótons e neutrinos, ultrapassando deste modo as singularidades e infinitos na matemática subjacente, enquanto a Cosmologia Cíclica Védica, com milhares de anos de existência, emparceira com a mesma conceção ao assumir que o Universo tem ciclos de existência de evolução e regressão da

ordem dos milhões de anos terrestres denominados Kalpas na filosofia hindu-védica.

“Quando a dissolução – Pralaya – chegou ao seu fim, o grande Ser – Paramatman ou Para-Purusha –, o Senhor que existe por si mesmo, do qual e pelo qual todas as coisas foram, são e serão (...) resolveu emanar as diversas criaturas da sua própria substância”. Mânava-Dharma-Sâstra, livro I, slokas 7-8.

Um Kalpa corresponde a 4 320 000 000 anos terrestres (14 Manus com o total de 4 294 080 000 anos + 25 920 000 anos de alvoreceres entre cada Manu) e corresponde a um dia completo na vida de Brahma cujo ano de vida é de 36 mil Kalpas, sendo que cada Kalpa possui um dia em que se dá a expansão do Universo e uma noite na qual se dá a sua regressão, num processo chamado Pralaya.

Logo, multiplicando 36 mil Kalpas por 8,64 bilhão de anos (2 x 4,32, um dia mais uma noite de Brahma), dá o resultado 3.110 400 000 000 (3 Trilhões e Cento e Dez bilhões e 400 milhões de anos terrestres) correspondendo a um ano de Brahma.

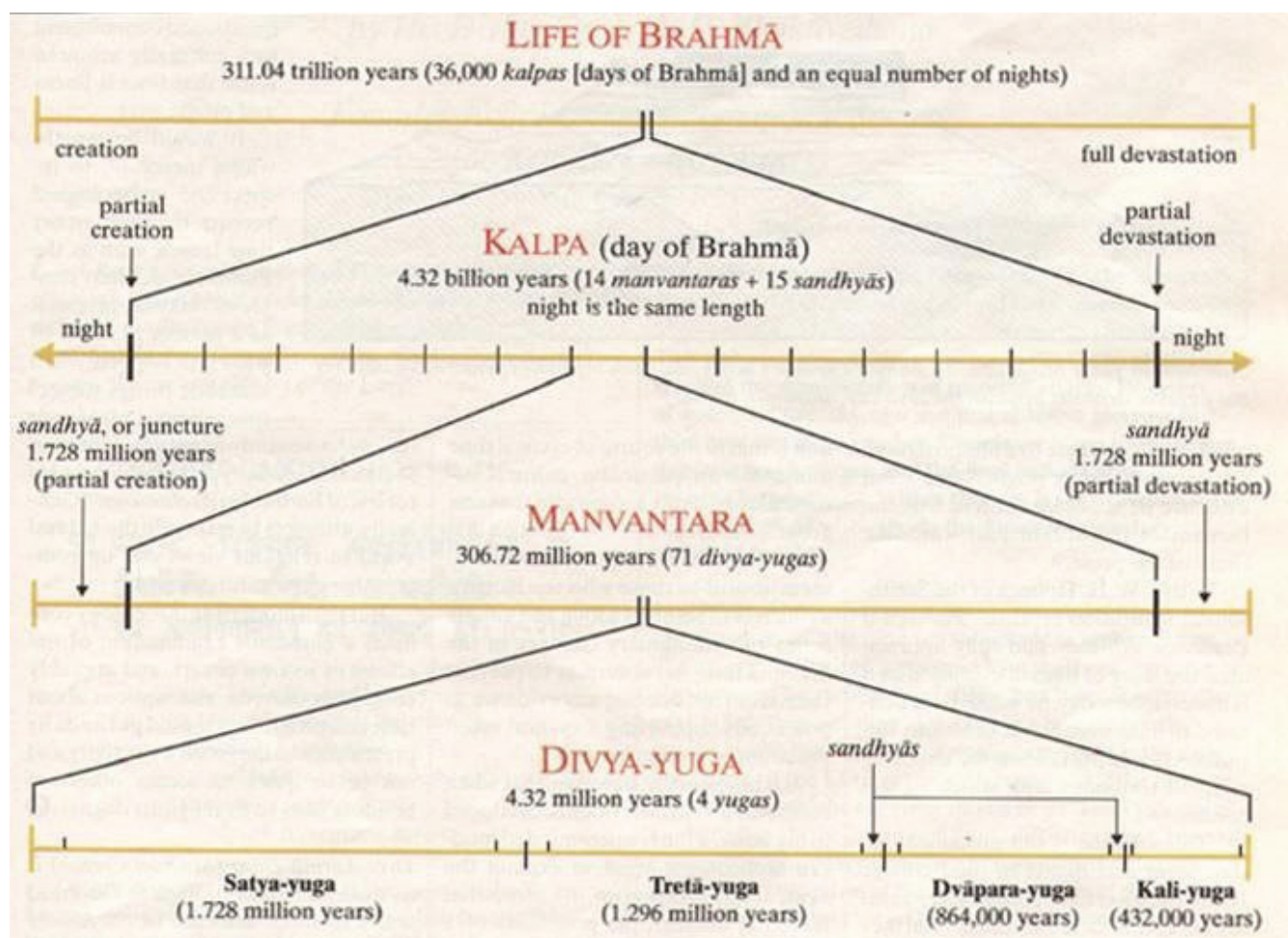
Por sua vez, cada Kalpa é dividido em Manvantaras (“Tempo de Manu”), com a duração de 306 720 000 anos terrestres. Manus são “os Proge-

nitores” da humanidade, por assim dizer os interfaces, ou “criaturas” criadas por Brahma, e que por sua vez criam mundos e vida como a conhecemos.

Cada Manvantara é dividida em Divya-Yugas (4 320 000 anos), por sua vez divididas em 4 Yugas (Eras), separadas por períodos chamados de Sandhis, “que são períodos de descanso dos Manus” e que correspondem a 10% de cada período.

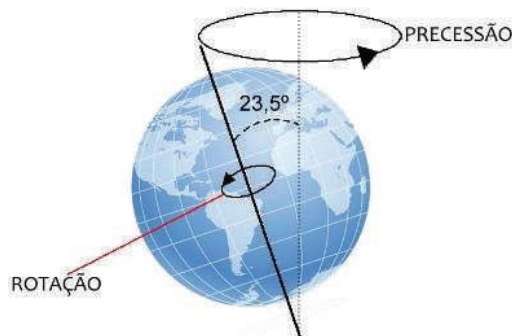
Os 4 Yugas são:

- Satya-Yuga, a idade de ouro com a duração de 1 728 000 anos;
- Tetra-Yuga, a idade de prata, 1 296 000 anos;
- Dwapara-Yuga, a idade do bronze, 864 000 anos;
- Kali-Yuga, a idade do ferro, a actual com 432 000 anos.





A precessão dos equinócios é um dos vários movimentos para além da rotação e da translação, que a Terra realiza. A precessão existe porque a Terra realiza o seu movimento de rotação de forma inclinada (23,5 graus), fazendo com que, a cada 25 765 anos aproximadamente, complete uma volta em torno do eixo da eclíptica.



Segundo a filosofia védica, onde a precessão duraria 24 mil anos (24 pétalas da flor de Lótus), o Sol possuiria uma irmã, uma estrela menor e escura que não podemos observar, constituindo um sistema binário. Na verdade, a maior parte das estrelas são sistemas binários. De acordo com a teoria **Nemesis**, esta seria uma estrela do tipo anã vermelha, com uma órbita entre 1 a 3 anos-luz do Sol e que levaria no mínimo 26 milhões de anos para completar uma revolução ao redor do Sol. Entretanto foi descoberto que a estrela mais próxima de nós, a Gliese 710 se situará, dentro de 1,5 milhões de anos, a 1 ano-luz do nosso sistema solar, perturbando a Nuvem de Oort e provocando uma chuva de cometas na nossa direção e talvez uma extinção em massa.

### A órbita de Nêmesis

Estrelas em "sistemas binários" orbitam um ponto central ("centro de massa") que fica mais perto da estrela maior. As órbitas se cruzam, mas as estrelas não se chocam, porque elas estão sempre de lados opostos do centro de massa (indicado com um "X"). Esse diagrama, fora de escala, mostra como Nêmesis – se é que ela existe – pode orbitar o Sol.

● Quando as duas estrelas estão mais distantes uma da outra...



... e quando estão mais próximas



### Quais as distâncias?

Estima-se que Nêmesis esteja a 1 a 3 anos-luz do Sol. Na escala abaixo aparece também a estrela mais próxima do Sol de que se tem conhecimento, a Próxima Centauri. Na escala, Plutão fica perto demais do Sol para ser indicado



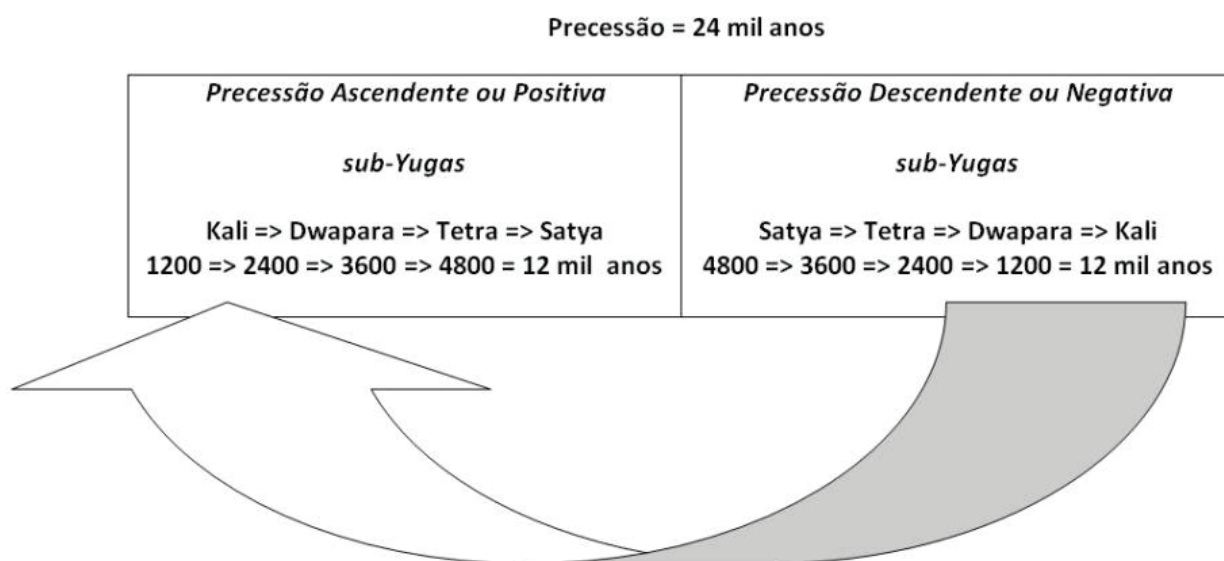
Fonte: Robert Roy Britt / Space.com – Richard A. Muller; Universe, por Kaufmann & Freedman

O Kali-Yuga com 432 mil anos, equivale a 18 precessões. O Dwapara-Yuga com 864 mil anos, representa 36 precessões, enquanto a Treta-yuga com 1,296 milhões de anos, representa 54 precessões, e por fim o Satya-Yuga com 1,728 milhões de anos, representa 72 precessões. Curiosamente surge uma relação matemática das precessões na ordem 18 – 36 – 54 – 72 ou 1 – 2 e 1.5 – 3 em que o segundo ciclo será sempre o dobro do primeiro ciclo, ou seja Dwapara o dobro de Kali e Satya o dobro de Tetra.

Por outro lado, se considerarmos Satya igual a 100%, Treta será 75%, Dwarpa 50% e Kali 25%, ou seja surge uma proporção e sequência numérica de 4 – 3 – 2 – 1 (o número de ouro ou a Década Mística

em que o um é a Mónada; dois, a matéria; o três a o mundo dos fenómenos; a téttrada, o vazio de tudo; e a Década, ou soma de tudo, o Cosmos).

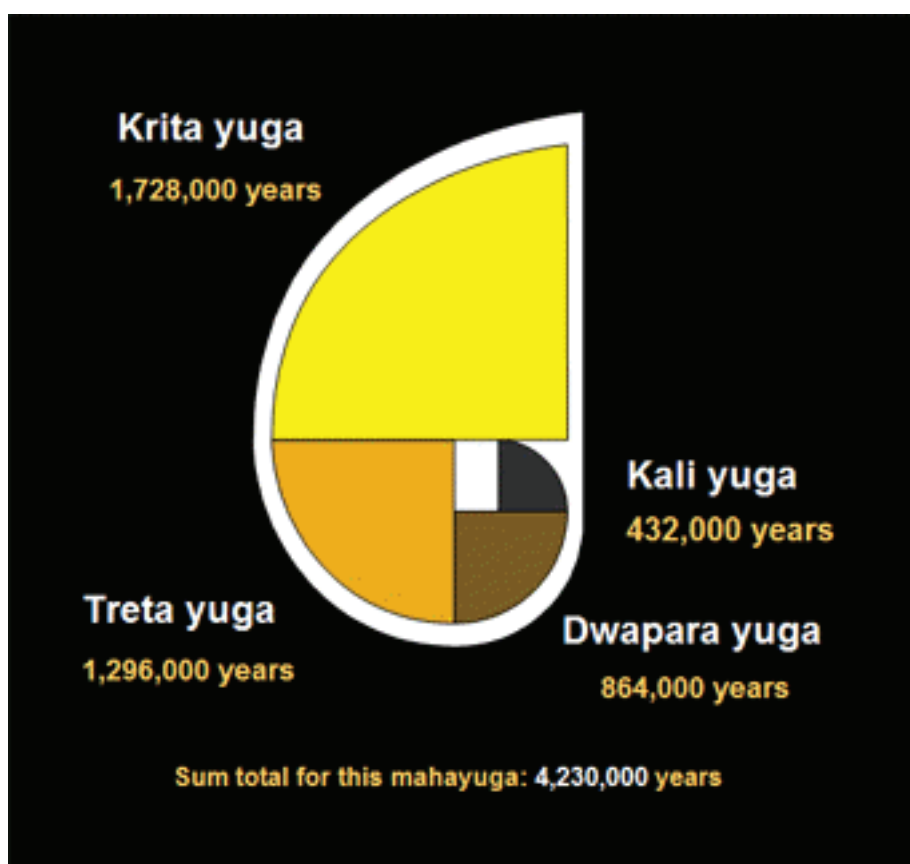
Então dividindo o período de 12 mil anos para cada Yuga, mantendo as proporções 4 – 3 – 2 – 1, estando já incorporados para cada Yuga, os Sandhi ou denominados “períodos de descanso dos Manus” (correspondendo a 10% de cada período), obteremos um resultado de 4800 anos para a Yuga Satya, 3600 anos para a Yuga Tetra, 2400 anos para a Yuga Dwapara e 1200 anos para a Yuga Kali, perfazendo um total de 12 mil anos para a precessão ascendente e 12 mil anos para a precessão descendente, ou seja, 24 mil anos no total, que coincide com o estipulado pela precessão astronómica (25765).



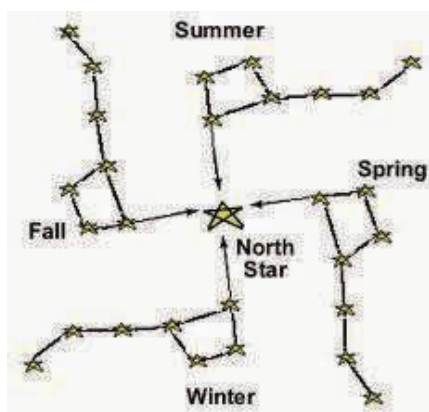


Em conclusão: a engenharia matemática a que submetemos os Ciclos Yugas reduzindo-os a sub-

-ciclos, fez aproximar os ciclos védicos das Eras dos ciclos precessionais da Astrofísica atual.



De acordo com a Astrofísica, é curioso verificar que o sistema duplo estelar Sol-Nemesis, a existir, poderá levar no mínimo 225 000 000 de anos a rodar em torno do centro galáctico, do Buraco Negro da Via Láctea, Vishnunabhi (a flor de lótus onde se senta Vishnu), onde reside, segundo os Vedas o centro da força criadora, Brahma, regulado pelo impulso ou lei universal, Dharma. Ou seja dividindo 1 ano de Brahma por uma translação galáctica, teríamos que a Via Láctea daria 13 824 voltas antes de desaparecer no vazio do espaço. Sendo que a idade estimada da nossa galáxia é de pouco mais de 13 bilhões de anos, ainda nos restam muitas voltas até que voltemos a fazer parte do Todo, de onde saímos.



Estes ciclos de triliões de anos estruturam a concepção do Dharma, a coluna vertebral do Ser e dos Universos na sua ascensão pelo Conhecimento, representada pela serpente em torno do bastão (Caduceu de Hermes Trismegisto) e, que ao nosso nível galáctico, é representado também pelo símbolo da suástica invertida, o Quaternário da constituição Septenária do Homem e o ciclo das estações da Vida.

Este é o simbolismo da Janela do Templo de Papanatha em Pattadakal, Kamataka, Índia.



Janela do templo de Papanatha no complexo de templos de Pattadakal em Karnataka, Índia. *Creative Commons.*



curso



# FILOSOFIA PRÁTICA



## Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



## A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



## O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.



**PANDAVA É UMA REVISTA  
INTEIRAMENTE REALIZADA  
POR VOLUNTÁRIOS DA  
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

[WWW.NOVA-ACROPOLE.PT](http://WWW.NOVA-ACROPOLE.PT)